

RelevO

abril/2022, n. 8, a.12

- Periódico literário independente
- feito em Curitiba-PR desde set/2010
- ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de autoria de Olivia Maia. Você pode conferir mais do trabalho dela em oliviam Maia.net.

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 350 Celso Martini; R\$ 210 André Valente; Alexandre Guarnieri; R\$ 200 Iza Magna Brito; Péricles Souza; R\$ 140 Regina Portela; Luiz Renato Sassi; Thaís Jamyle Dionísio Cavalcante; Jonathan Constantino; R\$ 135 Leopoldo Comitti; R\$ 105 Felipe Lin Carretoni; R\$ 100 Rafael Roefero; Luiz Witiuk; Sonia Protá; Renan Machado; Giselle Chapanski; Fernando Gimenez; Katia Brembatti; Paula Zarth Padilha; Lucas Jensen; Adriana Vieira Lomar; Thomaz Ramalho; Lucas Gomes; R\$ 80 Lucas Moraes; R\$ 75 Há-dassa Bonilha Duarte; Diego Antonelli; Valter Zotto; Baga Defente; Daniel Reis; Magno Van Erven; R\$ 70 Enio Vermelho Jr.; Claudia Camargo; Armando Peres; Leila Bortolazzi; Rafael Parreira; Raimundo Barbosa de Moraes Jr.; Edson Carvalho Alencar; Rafael Sobral; Mariane Nadaline; Lívia Cruz; Guímel Bilac; Márcio Berclaz; Natália de Castri; R\$ 67 Antonio Carlos Zamarian; Fabiano Gumier Costa; Daniele Rodrigues de Faria; R\$ 60 Vanessa Grando; Flávia Souza Lima; Jorge Souza; José Ricardo A. Vianna; Maria Cristina Martins; Diego Silveira Sousa; Ismael Alencar; Lucas Delfino; Samuel Martins; Francisco Mecking; Katna Baran; Emerson Castro; Massilon Ferreira da Silva; Nath Reichel; Roberto Dutra Jr.; Marcelo Alcaraz; Diego Vargas; Rique Ferrári; Rômulo César; Fiori Ferrari; Giovana Proença; Eduardo Pereira de Souza; Juliano Ferro; Marcella Lopes Guimarães; Lucas Grosso; Jozias Benedicto; Luiz Henrique Gurgel; R\$ 57 Maria Clara Melo Rezende; R\$ 55 Elton dos Santos Francisco; R\$ 50 Jaqueline Bohn Donada; R\$ 30 Letícia Romariz; R\$ 25 Priscila Branco; Telma Santos.

TOTAL: R\$ 6.673

ANUNCIANTES:

R\$ 300 Allejo; R\$ 200 Editora Penalux; R\$ 100 Flávio Sanso; André Giusti; R\$ 60 Rômulo Cardoso; R\$ 50 Gato Preto Livros; R\$ 30 O Alienígena.

TOTAL: R\$ 840

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 1.382
Escritório: R\$ 460
Embalador: R\$ 100
Autores e ilustradores: R\$ 540
Editor: R\$ 1.200
Editor-assistente: R\$ 350
Serviços editoriais: R\$ 460
Mídias sociais: R\$ 350
Diagramação: R\$ 150
Infografia: R\$ 60

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 450
Correios: R\$ 2.050

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 35

(+) Entradas totais: **R\$ 7.513**

(-) Saídas totais: **R\$ 7.547**

(=) Resultado operacional: **-R\$ 34**

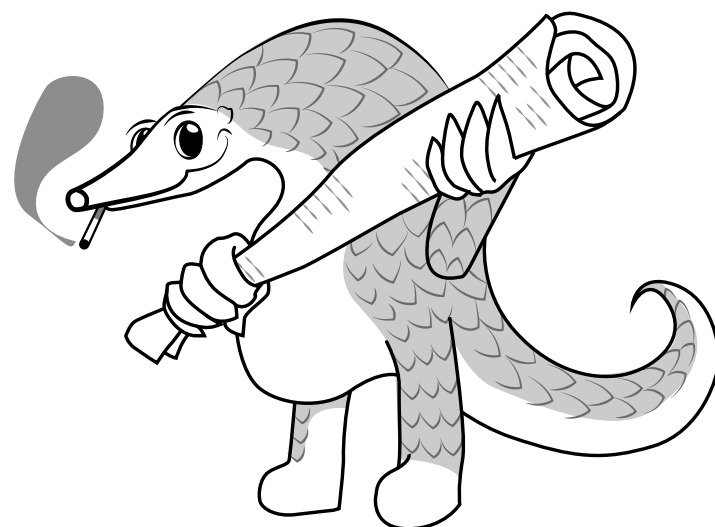
Abril/2022

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Nuno Rau
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 29 de março de 2022.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Bruno Meirinho
Celso Martini
Cezar Tridapalli
Morgana Rech
Felipe Harmata
Jacqueline Carteri
Osny Tavares
Whisner Fraga



instagram.com
facebook.com
twitter.com
medium.com

/JORNALRELEVO.COM

CARTAS

ESCRITOR SIM, LEITOR NÃO

Renata de Castro A melhor de todas as cartas publicadas até hoje foi do cara que disse que não tinha interesse em ler, mas tinha interesse em publicar! Normalmente, quando a gente escreve, a gente reflete...

Rejane Benvenuto Passando por — atrasada — aqui pra dizer que recebi a primeira leva do **RelevO**. Que beleza.

Hugo Marques Eu tenho uma edição de vocês, só uma. Um grande amigo meu que se mudou pra aí me trouxe de presente. A identificação foi imediata! Grande trabalho de vocês e de todos os artistas colaboradores.

Nilton de Q Passando para avisar que estou feliz aqui: chegaram meus exemplares do Jornal. Pela quantidade, acho que os atrasados! Muito obrigado!

Rafael Roefero Só passando para informar que a edição de março da revista chegou! (E é linda, diga-se de passagem. Não tinha me atentado que era em papel de jornal!). Mais uma vez, parabéns pelo trabalho de vocês!

Rafael Sobral Legal mesmo são as páginas desse jornal, folhetim, *penny dreadful* à brasileira.

DISSO DE PAGAR

Mônica Silva Obrigada pelo cuidado em nos manter informados! [circular de março] Aproveito a mensagem para deixar aqui algumas palavras que gostaria de ter dito quando recebi a edição de fevereiro. Aquele editorial não podia ser mais assertivo. Direto na veia. Impossível descrever a alegria de ver meu conto publicado pela primeira vez. Para além disso, muitos periódicos literários tratam os novos escritores como se estivessem nos fazendo um favor — e estão mesmo, mas gostamos de fingir que temos um resto de dignidade, e o **RelevO** nos ajuda a acreditar nisso. Parabéns pelo empenho em manter o jornal de pé e por insistir no reconhecimento da produção artística como profissão. A capa de março está incrível. Espero ansiosa a chegada da edição nos confins de Itapeverica da Serra.

E O ALGUM LUCAS?

Algum Lucas Arrisco dizer que a edição de fevereiro entra pro hall das mais belas de toda a trajetória do **RelevO**. E ainda no mesmo dia tinha recomendado *Paterson* a uma colega do trabalho, e vocês me trazem um William Carlos Williams pra fechar com chave de ouro. Que beleza!

Telma Selles Parabénsssss pelas publicações. São textos incríveis. Não sou do mundo literário, mas sempre leio com a minha esposa. Gratidão por esse cuidado, carinho e pela oportunidade que vocês concedem para muitos escritores que procuram o seu lugar pelo mundo. O jornal se torna esse porto, para que eles se sintam seguros. Um grande abraço!

NOVO OMBUDSMAN

João Fiorot

“dá uma certa nostalgia do não vivido[...]”

— Nuno Rau

“saudades do que a gente não viveu ainda”

— Neymar

Isso me lembrou que eu ia pedir a vaga de ombudsman (nem sei se podia), mas vejo que está em boas mãos!

André Giusti O jornal melhorou de uns cinco, seis números pra cá. Gostei muito do que escreveu o ombudsman na última edição. Gostei dos contos também. Muito bons.

Péricles Souza Assinatura renovadas com juros e correção monetária. Avante! Parabéns, uma vez mais, pelo trabalho. Aliás, só pode ser plural. Pelos trabalhos.

Felipe Mamone Me chamo Felipe, escrevo poemas há alguns anos, mas só recentemente decidi publicá-los. Tenho, porém, aquele receio de começo de viagem em relação às editoras e às condições de publicação. Dispensa dizer, muitas delas se arrogam (em letra miúda) os direitos de autoria dos poemas e isso me incomoda sobremaneira. Conheci vocês a partir de um comentário sobre política de publicação, e me interessei de imediato. A partir disso, li algumas várias edições do jornal e preciso deixar também minha admiração em relação ao seu conteúdo e ao acabamento. Adorei basicamente tudo.

DRAMAS JORNALEIROS

Karoline Biavatti Só passando pra lembrar que meu jornaleco pode ficar junto naquele lugar combinado. Mudei de apartamento, então, se vocês enviarem ao endereço antigo, meu ex-porteiro ficará mais culto, o que não é de todo ruim, mas prefiro pagar a assinatura para eu mesma, por enquanto. Quem sabe eu crie uma ONG para fornecer jornais gratuitos a porteiros no futuro!

AUMENTOS, AUMENTOS

Ana Justi “Já tava ruim, agora parece que piorou” me soou o assunto da circular do mês. A única resposta possível para este comunicado é um sonoro “Não tá fácil!”, acompanhado daquele tapa meio indignado, meio impotente, na mesa de bar e um gole na cerveja. Torcendo por circunstâncias melhores para todos nós.

André Valente Alguns pontos sobre o Jornal:

1) Excelente estes emails para os assinantes — e a transparência que vocês têm.

2) O preço da assinatura é realmente muito baixo! Precisa ajustar — o valor do conteúdo vale o ajuste.

3) O jornal é bom — acreditem nele! Mais gente precisa conhecer... Vocês já pensaram em visitar alguns podcasts?

Fernando Detoni de Paula Muita força pra vocês!

Rozana Gastaldi Cominal A edição de março está sensacional!

Claudia Regina Camargo Também descobri essa poesia da página 24 [da edição de março, de Vicente de Carvalho] na adolescência... É linda e muitas vezes verdadeira. Ah, sobre citações, hoje até tem um app para que a gente possa guardar as citações. Chama Seeds, vocês conhecem? Abraços!

Tere Tavares Chegou por aqui o jornal de março. Que linda e intensa essa edição. Parabéns.

José Petermann Jornal de março com capa criada por Fabio Rocha! Um grande projeto literário! Assinatura por apenas R\$ 70 por ANO.

Márcio Berclaz O **RelevO** merece todo o apoio!

CAPA

Juliana Andrade Que capa linda! Que chegue logo o meu exemplar!

Vinícius Canabarro Capa sensacional!

Tiago Feijó Dia de ler o **RelevO**.

Fabiola Fontana A-DO-RO jornais literários. Conheço todos. Assino o **RelevO** e acompanho os outros pela internet e por redes sociais.

TAARDE

Lia Lins Boa tarde, Jornal!

Nise Sour Esse texto lindo do Vicente de Carvalho veio no Jornal que chegou aqui ontem. O **RelevO** é um periódico literário editado em Curitiba, com textos, contos, poesias, gravuras, etc, de autores independentes. Ótima qualidade e, principalmente, muito bom humor! É um trabalho que vale a pena conhecer.

Leda Lopes Hora de ler meu jornal de março.

Ivan Jesus O sábado acaba de ficar melhor. O **RelevO** chegou e é sempre uma injeção (olha aí a vacina salvando de novo) com doses mensais de reforço, esperança e arte. Se você ainda não conhece, apoie.

BACANA

Waliston Sousa Bacana a ideia de fazer jornal impresso nos dias de hoje

EDITORIAL

De mudanças e sobrevivências

Conforme havíamos antecipado, a anuidade do **RelevO** finalmente subiu. Os R\$ 60 que nos acompanhavam desde o fim de 2019 deram lugar a um pagamento anual de R\$ 70. Os demais planos (apoiador e patrocinador) também tiveram reajustes proporcionais. Não estamos contentes, mas também não queremos ser repetitivos diante do que já descrevemos a respeito do aumento de custos para a operação do Jornal. Não podíamos seguir com os mesmos patamares de cobrança na medida em que os custos dispararam nos últimos três anos.

Neste espaço do editorial, geralmente tratamos dessa mesma operação. É a nossa oportunidade de comunicar mudanças maiores — ou simplesmente ideias fixas. Também temos o hábito de contextualizar nosso meio, com seus vícios e virtudes. Muitas vezes nos repetimos, afinal nossa existência não é tão emocionante. Somos uma espécie de relógio com algum defeito de fábrica não suficiente para a sua inviabilização funcional.

Recentemente, disponibilizamos todos os textos de nossos ombudsmen no site do Jornal. Também migramos todas as nossas edições para lá, sem depender mais de domínios alheios. Elas constam em PDF, diagramadas, em suas versões finais. Porém, ao contrário do que às vezes se deduz de nosso ofício — hoje menos do que antes —, não temos interesse em migrar todo o conteúdo do **RelevO**, separadamente, para o nosso site. Isto é, cada texto, cada poema, cada contribuição enviada, mapeando a informação e disponibilizando-a por meio de endereços únicos.

Embora essa atitude pudesse aumentar o nosso tráfego (e, conseqüentemente, converter-se em assinaturas), o passo adiante na grande rede aproximaria nosso peculiar impresso de um ponto desconfortavelmente digital. Entendemos que o Jornal é um espaço de ampliação de vozes escritas do contemporâneo e de diversão para os envolvidos, o que nos leva a evitar a repetição de colaboradores. De modo paralelo, apostamos na mudança regular de ombudsmen, cargo que aponta para outra direção importante: a transparência e a legitimidade do nosso senso de comunidade a partir de nossas características. Tudo isso nos afasta da individualidade e de certos mapeamentos da informação.

Sobrevivemos à era de blogs e à euforia (assumida) com as redes sociais. Esse é o nosso “antes”. Curiosamente, hoje nos questionam muito menos sobre a possibilidade de transformar o **RelevO** em uma “revista digital”. Também curiosamente, a experiência do Jornal como um veículo intrinsecamente *impresso* parece mais valorizada hoje do que há dez, oito, seis anos. Ao longo desses anos, sabendo exatamente quem somos, vimos muitos projetos, revistas digitais e demais páginas prioritariamente associadas à internet sumirem. Não somos um projeto que ambiciona ser o maior de seu segmento, tampouco aceitamos nossas limitações como desculpa para os nossos gaps (sobretudo logísticos e que não estão sob nosso controle na maior parte do tempo).

Por outro lado, se alguém resolvesse essa questão sem transtornos e de graça, não nos oporíamos. Enquanto houver esforço de nossa parte, porém, a ideia não entra em pauta. Podemos mudar de opinião a qualquer momento — nossa existência não é tão emocionante.

Uma boa leitura a todos.

KING NEWS • BREAKING NEWS • BREAKING NEWS • BREAKING NEWS • BREAKING NEWS • BREAKING NEWS

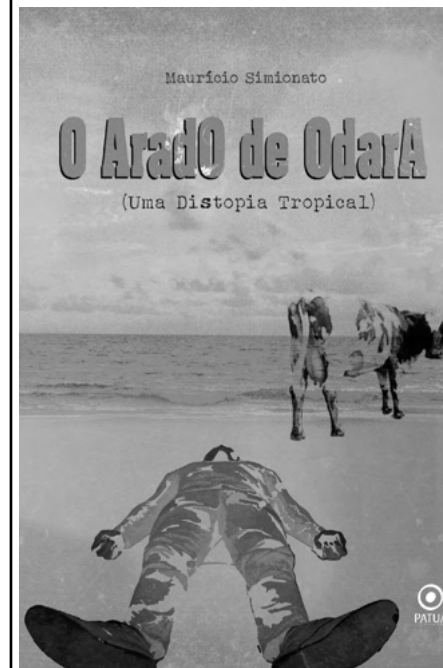
poesia faz bem
pra saúde¹

melhore a sua acessando:
• faziapoesia.com.br •

¹ Fonte: Universidade de Exeter e Universidade de Liverpool.

O *Arado de Odara*, de Maurício Simionato, equivale a um passeio pelas várias possibilidades e modos de expressão da poesia contemporânea brasileira; em especial, daquela realizada pelos novos autores que aliam a inquietação, o inconformismo em face da “distopia tropical”, à intensa sensibilidade lírica.

Claudio Willer



"O Arado de Odara, arrisco dizer, propõe-se a realizar um manifesto sócio-político-poético da atualidade. Maurício Simionato assopra a poeira do mundo por meio do verbo, com o olhar sensível aos detalhes presos nos fenômenos e nos acontecimentos atuais. Cada frame dessa distopia está catalogado, entrecruzado à musicalidade das movimentações – corpóreas e de pensamento – do homem",

Amanda Vital,
poeta e editora

Maurício Simionato é poeta e jornalista. Lançou os livros de poesias “Impermanência” (2012, selecionado pela Secretaria de Cultura de Campinas) e “Sobre Auroras e Crepúsculos” (2017, Multifoco), este último lançado na Bienal de Literatura do Rio/2017.

OMBUDSMAN

Nuno Rau

O SEXO É MAIS IMPORTANTE QUE A POESIA (E QUE A PROSA)

ou: Vicente de Carvalho não era um normal.

Não, prezad_s leitor_s do **Relevo**. Apesar de abril ser o mais cruel dos meses, criando lilases da terra morta, misturando memória e desejo, ao menos segundo o poeta que, a despeito de ser um conservador, mexeu na água parada da poesia de seu tempo (em qualquer tempo nunca está de todo parada, nunca de todo fazendo onda, ainda que a marola seja muita), este ombudsman ficou apenas preocupado com o editorial de março, que nos lembra o aumento exponencial da conta de luz, o preço da gasolina, os custos postais de envio, tudo isso que torna uma equação complexa o simples fechamento do balancete mensal do jornal, pelo equilíbrio cada vez mais difícil das colunas “créditos” e “débitos”.

Vida de editor é um calvário em vida — excetuando-se, talvez, os daquelas mega-editoras como a Record, a Companhia das Letras, a Penalux e a Patuá (vamos sonhar, Wilson, Tonho e Edu!) —, e só a paixão pela atividade, somada a certa dose de falta de juízo, justifica que uma pessoa dispenda horas que poderia empregar em atividades muito mais lucrativas apenas pra fazer chegar a leitor_s que sequer conhece pessoalmente, na maioria dos casos, um recorte da produção contemporânea de poesia, literatura, tradução etc. Mergulhado em preocupação com o equilíbrio financeiro do Jornal, pensei em formular um título de algum modo sensacionalista para, quem sabe, trazer mais assinantes, e animar alguns daqueles que, combatidos pelos embates da vida (e principalmente impactados pela mesma espiral inflacionária em que o atual desgoverno tem nos mergulhado com cada vez mais traços de sadismo), estejam pensando, dentre as despesas a eliminar, justamente nesse veículo de cultura. Se conseguir, com isso, manter um assinante, já me sinto justificado.

A lembrança do abril de Eliot, no entanto, tem muito mais a ver com nosso presente: *The Waste Land* foi quase inteiramente escrito sob a influência da pandemia global que abalou o mundo quando mal acabava a Primeira Grande Guerra: a gripe espanhola. Eliot e Vivien Haigh-Wood, sua esposa na época, contraíram o vírus em dezembro de 1918. A guerra havia terminado um mês antes, e o vírus espalhou-se pelo mundo, impulsionado pela movimentação de tropas, com primeiro e maior impacto nos países que participaram do conflito. Contam que Eliot escreveu grande parte do poema durante sua recuperação, e não deve ser fortuita a sobreposição de imagens do Inferno de Dante à paisagem urbana de Londres. Fato é que vamos, agora em 2022, pela casa de 660 mil mortes pela COVID-19 só no Brasil, às voltas com uma guerra movida por interesses de duas potências imperialistas e seus afãs de expansão, com potencial de se tornar um conflito mundial, e com o neoliberalismo fazendo estragos cada vez maiores em nossas consciências, entre outros

desastres mais ou menos anunciados. No campo das relações pessoais, somos expostos a todo tipo de preconceito e retrocesso, esbarrando com canalhas que estavam com suas partes podres escondidas em armários lacrados nos últimos anos, e resolveram expô-las com inacreditável orgulho.

Impossível aqui não abrir outro breve parêntesis. Como é bem sabido, Marx escreveu na abertura de *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*, de 1852: “Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira como tragédia, a segunda como farsa”. O que dizer quando comparamos os acontecimentos do Brasil atual com o fato de que, em plena gripe espanhola, os países não divulgavam notícias sobre a doença, como, por exemplo, fez o presidente norte americano Woodrow Wilson (1856-1924), ao censurar a imprensa para que as mortes não fossem noticiadas. As *fake news* também grassavam, ainda que não tivessem este nome: como a Espanha não estava envolvida diretamente na Primeira Grande Guerra, as notícias sobre a doença vinham de lá, e, por tal motivo, a gripe ficou conhecida como “espanhola”. Qualquer semelhança com o presente não é mera coincidência.

Mas voltando ao que nos interessa mais, como toda obra que não mergulha na banalidade, o poema eliotiano não é uma coisa só, não é apenas uma notícia cifrada sobre pandemia e guerra: ele descreve e encarna a grande crise da cultura ocidental dos inícios do século, teorizada depois por Adorno, entre outros, crise que arrisco dizer que ainda nos afeta, nesse momento tardo-moderno, pós-moderno para alguns. Trazendo para mais perto de nós, essa crise só foi de fato integrada ao pensamento de Mário de Andrade mais de quinze anos depois (*The Waste Land* é de 1922), a partir de 1938, na longa crise pessoal desencadeada pelo fim da experiência do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, órgão que ele capitaneou ao longo de três intensos anos, uma história que precisaria ser mais bem conhecida por todos, porque nos faz compreender muito do que nos caracteriza e nos afeta hoje como país. Essa aventura, somada ao fato de que Mário considerava que toda arte possui um significado coletivo, e que devemos nos precaver contra todo formalismo e individualismo, também explica, em parte, a desilusão dele com os rumos do modernismo, desilusão que é, de muitos modos, a tônica de Drummond em *Claro Enigma*, publicado em 1951, e provavelmente seja o fundo obscuro que move os poemas do *Livro de Sonetos* (1949), de Jorge de Lima, e alguns outros.

Nesse contexto — e a história necessita que a olhemos com viés sempre crítico —, a alegre crença no progresso do Concretismo em seus primeiros anos soa como uma

inocência sem par, a despeito do que seu ímpeto nos trouxe de bom. Meu argumento aqui é de que vamos em meio à mesma crise, o aprofundamento das estratégias do capitalismo para permear todos os âmbitos de nossas vidas e converter tudo em moeda, crise que cada geração encara de modo diferente. Não sei para vocês, mas é o que vejo quando leio os poemas de Maria Cristina Martins, Maria Clara Viana, o poema-pedrada de Gary Snyder traduzido por Morgana Feijão, ou ainda os exercícios de suprarrealismo de Paul Éluard, traduzidos por Henrique Nascimento. Em tempos bem diferentes, parece que um vetor comum os atravessa como motor, como ignição da escrita. O mesmo nos contos de Rodrigo Neves, Fernanda Mellvee, Dan Porto, ou os textos não assinados (Rinha de Especialistas, uma delícia, e a “notícia” sobre o primeiro disco nacional fumável). Destoa um pouco o nosso bom e velho Vicente de Carvalho, que por uma questão de rigidez geracional não conseguiu ouvir a Balada do Louco, com os Mutantes. Teria lhe feito bem, certamente. Cabem menções à coluna Enclave, que me fez sentir nos anos 1970 ouvindo um álbum dos 2000 (confesso que não conhecia o Nicola Conte, e que achei o som dele bastante caretá), e à história de “Anoiteceu”, canção de Francis Hime e Vinícius de Moraes (esses não serão nunca caretás).

Talvez caiba aqui voltar à questão: o que é escrever poesia (e conto, e romance, e ensaio) nesse começo de terceira década do século 21? Para o que olhamos? De que modo olhamos? O que podemos arrancar das convulsões do tempo presente? Estamos indo em rumos acertados? Existem rumos acertados? Quando leio os textos do **Relevo** (assim como os da revista em que sou coeditor) sempre me atravessam, e nunca pacificamente, tais perguntas. Do mesmo modo quando escrevo um poema.

Para finalizar, não custa lembrar aos mais distraídos e aos inocentes do Leblon (cf. CDA): o mundo ainda não deu certo, e vamos imersos em muitos dos mesmos problemas dos séculos 18, 19, 20, fora os que a criatividade humana conseguiu produzir depois. Alguma dúvida? Basta entrar num grupo de WhatsApp bolsonarista, ler algum texto produzido pela Empiricus Research ou escutar qualquer pronunciamento do Paulo Guedes como ministro. Depois dessas longas digressões, volto ao título: sexo e poesia, embora não sejam impossíveis, não são esferas que possam ser comparadas deste modo rasteiro, a não ser pelo fato de que sexo ruim e poesia idem causam, depois, a mesma sensação desagradável, e que um bom poema pode ser comparável ao sexo no prazer que causa (sem maiores detalhes). Não se pode, assim, estabelecer uma escala entre os dois campos, nem por metáfora.

APOIADORES



solteoverbolinguas.com



Empreendedores

Cid Brasil

1.

Xavier está enxugando os pratos de casa e mais uma vez se pergunta por que nasceu com aquele dedo tão podre para negócios. É dono de uma vidraçaria pequena, ali pelas bandas do Tabuleiro dos Martins; porém, tal qual um evangélico, ele nunca superou o passado. Tudo porque em 2007, com a popularização dos planos de internet banda larga no Brasil, ele resolveu lançar um site para seu incipiente negócio. Sua ideia era simples: criar um site da vidraçaria onde os eventuais clientes pudessem ver seus trabalhos, como box para banheiros, portas de corrediças e salões espelhados; e também seria uma boa ferramenta para solicitação de orçamentos e contratação de seus serviços. Tudo correto se o problema não fosse mesmo o azar, ou a segunda função primordial a que a internet domiciliar é utilizada: a pornografia. Talvez uma leve pesquisada no Google tivesse ajudado Xavier, pois no mesmo ano bombou no mundo inteiro um site de vídeos eróticos cujo endereço virtual era semelhante ao de sua loja, exceto por uma letra. Xavier não recebeu nenhum comentário elogioso no mural de recados. Em dois anos pagando domínio do site, sua caixa de entrada lotou apenas de comentários de onanistas furiosos por verem suas excitações freadas graças ao site da sua vidraçaria, a xvidros.com.

2.

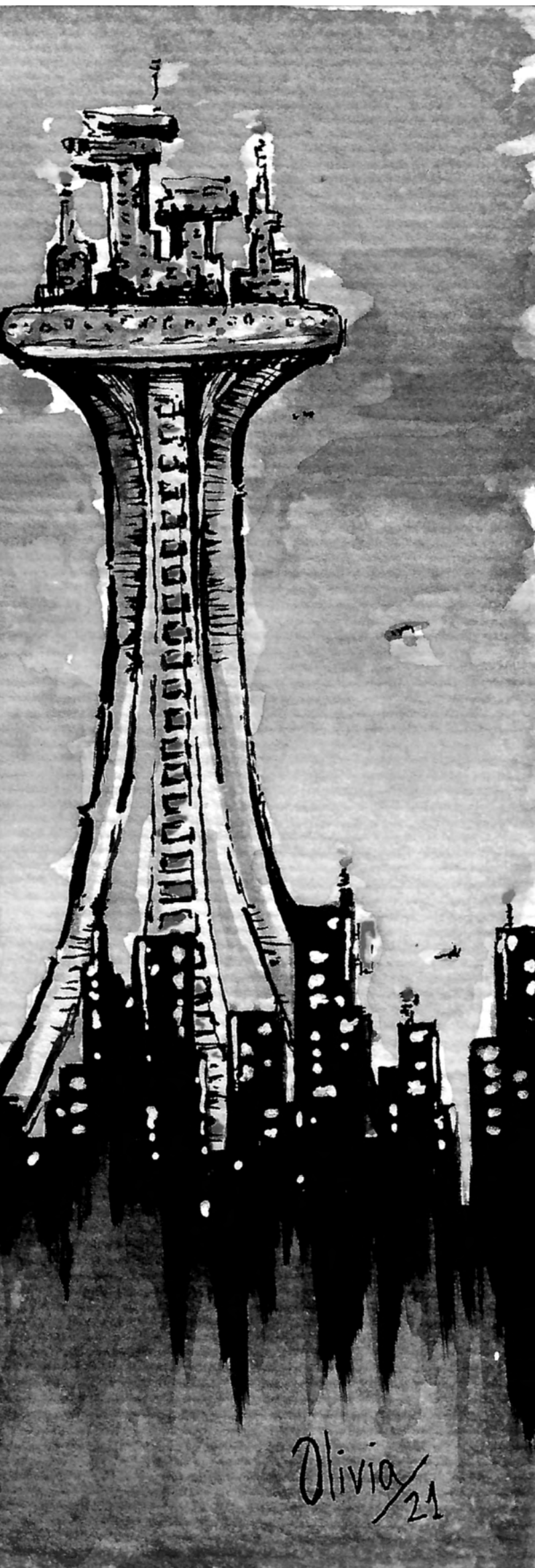
Orkut Buyukkokten, o criador da famosa rede social muito popular no começo de 2000 no Brasil e na Índia – isso eles sempre fazem questão de frisar, não sei bem por que, talvez porque vejam semelhanças culturais em ambos

os países, já que está sempre lá “popular no Brasil e na Índia” –, esteve em Porto Alegre recentemente para participar de uma feira de empreendedores e coisa e tal, e como não podia deixar de ser, tentou derrubar uns corpinhos por meio do Tinder se valendo de sua popularidade no país (e também na Índia, é bom lembrar). O que Orkut não sabia era do espírito de porco dos brasileiros (e dos indianos, vai saber) e da desconfiança geral que rondava o país. As pessoas, vendo sua carinha pelo raio de proximidade do bairro boêmio da Cidade Baixa, denunciaram seu perfil como fake e o Tinder retirou do ar sua conta. Talvez mal-humorado por ter vindo ao Brasil e não comido ninguém (quem sabe na Índia tivesse mais sucesso), o senhor Buyukkokten foi bem antipático com alguns brasil-indianos durante a feira de negócios, dando declarações desdenhosas até com seu maior sucesso: “Creio que o Orkut só ficou popular nesses dois países porque a maioria das pessoas só possuíam internet discada, e, bom, estavam acostumadas com a lentidão” – disse referindo-se à demora em carregar certas páginas, devido ao pequeno servidor que hospedava seu site na época do lançamento.

3.

Odeio profundamente estabelecimentos comerciais cujos donos são a cara, o logo e o garoto-propaganda do lugar. Será que é preciso mesmo que essa lanchonete, penso, seja um museu vivo desse empresário? Minha mãe também é comerciante e passei a vida lidando com outros donos de estabelecimentos e outros filhos de donos de estabelecimentos e posso adiantar pra vocês que





a maioria desse tipo, que banca o engraxadão no Instagram da empresa, não vale nada. Minha mãe também divide comigo esse tipo de ojeriza a empresários ególatras e tem uma frase muito boa sobre: “Atender no balcão ninguém quer, né?”.

4.

Meu pai certa vez disse que estava abrindo uma churrascaria na Barra de São Miguel, litoral sul de Alagoas. Na época, eu com 12 anos, pensei: ,assa, vou tomar banho direto na praia e ter vida de playboy. Mas a real é que o único contato que tive com água nesse período foi na pia de lavar copos, função a que fui destinado durante aquele verão. Não tomei muitos banhos de mar, nem ganhei qualquer dinheiro, mas jogava bola todos os dias com os garçons no estacionamento do restaurante. Quando chegava um cliente, era aquela beleza, funcionário indo atender a mesa todo esbaforido, suando ou mesmo xingando os colegas de time pelo gol tomado. Quando chegou o inverno, como sempre acontece em estabelecimentos praianos, fechamos as portas.

5.

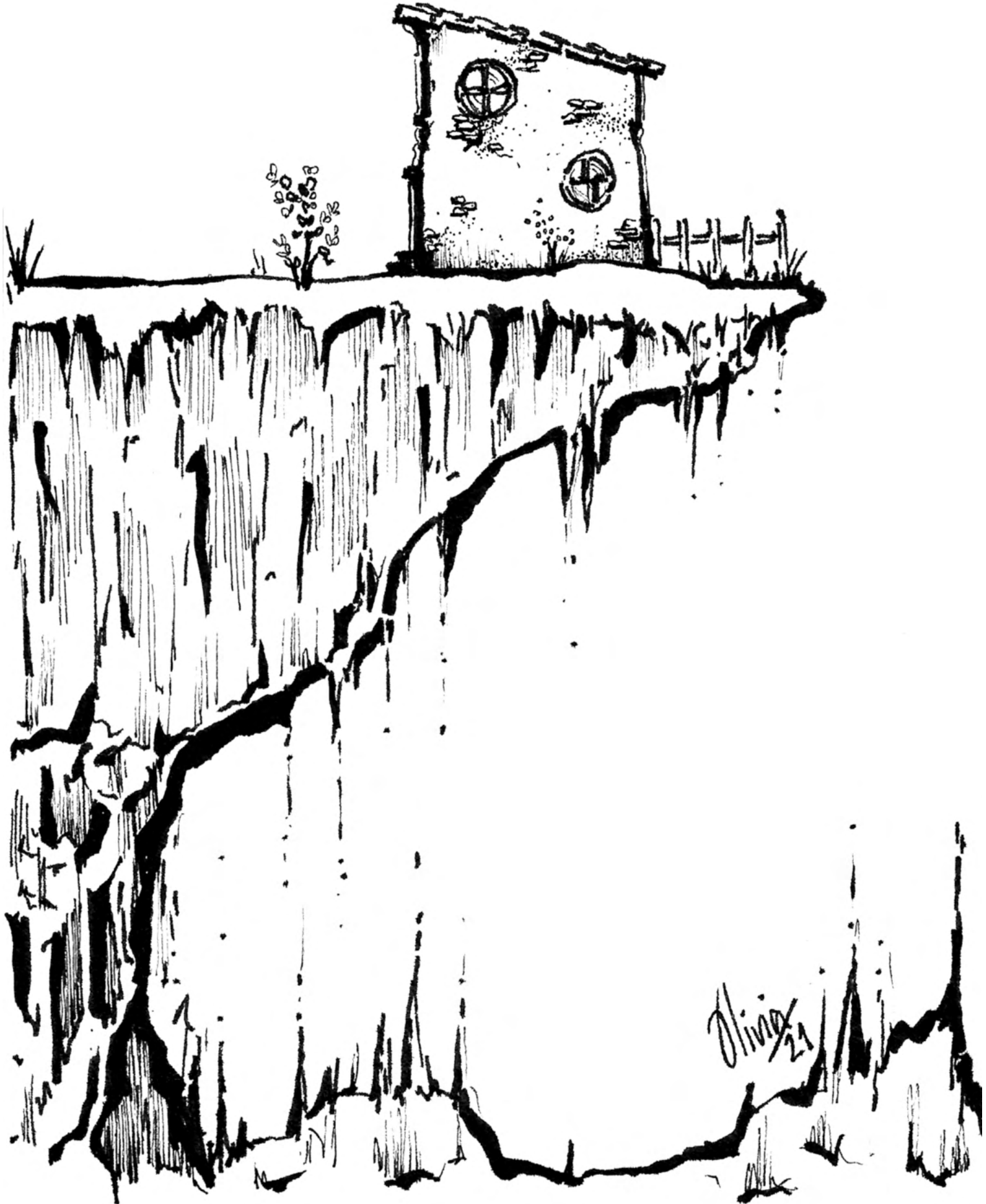
Quando criança, ao ser indagado na escola sobre a profissão dos meus pais, em geral eu mentia. A verdade é que eu não sabia o exato nome daquele ofício que eles exerciam e, na minha cabecinha, dizer que eles eram donos de algo podia parecer que éramos ricos, e isso eu sei que não éramos, pois meu pai nos tratava mal o suficiente pra sabermos disso, ao contrário de suas amantes. Às vezes dizia para as outras crianças da sala que ele era encanador e que minha

mãe era secretária de um médico. Uma vez perguntei à minha mãe qual era a profissão dela: comerciante, ela respondeu. Fiquei pensando: olha só, ok. Que bonito. Bonito nome para quem assa carne e cobra por isso. Aí um dia soltei na sala de aula, ao ser questionado numa dessas rodas sobre profissões: meus pais são comerciantes. A risada foi geral.

6.

A mesma coisa era em relação ao nome do meu pai quando professores perguntavam como ele se chamava. Eu dizia Antonio. Meu deus, quantas vezes pedi que meu pai tivesse um nome normal, tipo Francisco, Pedro ou Célio. Ou ao menos na minha cabeça algo normal era algo que não chamasse tanta atenção, um nome que dali a dois minutos todo mundo se esquecesse e só servisse para mostrar que eu não era filho adotado ou nascido de um ovo. Donatílio era o nome do meu pai. O apelido dele era Eca. Seu Eca. Porque diz a lenda da família que ele era uma criança enjeada, que reclamava de tudo. Para completar o pacote bulliying, ele era obeso. Bem gordão mesmo. Parada mórbida. E o Seu Donatílio dizia de mim para os amigos, desconhecendo a força de seus genes na própria cria, “esse meu mais novo é meio estranho das ideias, meio louco”. É, pai, talvez se o senhor ajudasse, emagrecendo ou mudando de nome. Mas tá pra nascer coisa que gere mais literatura do que ter pai torto.

— Cadê o filho do Seu Eca, da churrascaria? — perguntou uma vez a professora da 6ª Série que o conhecia, no primeiro dia de aula. Obviamente eu não levantei a mão.



Talking 'bout our generation

André Giusti

Para o Sergio

Eu é que não vou ficar aqui pagando
de nostálgico
saudosista
passadista
dizendo que antes havia
mais romantismo
idealismo
poesia
inspiração.
Aqueles nossos dias
são divinos lindos
porque não os vivemos mais
(o que passou sempre
é melhor com
os olhos de agora).
Eu só toquei no assunto
porque hoje olhei no retrovisor
e vi nossa geração
saindo do Bob's,
com o disco novo do U2 na mão,
e entrando no corredor
gelado e vazio das decepções.
Se eu tivesse talento para canções,
faria uma só pra dizer
que os fantasmas dormem
nos domingos de 1985
sem nada o que fazer agora.



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

Acontece nos livros

 @nostlivros
  /acontecenoslivros
 acontecenoslivros@gmail.com
 /acontecenoslivros
  @acontecenoslivros





editora  **Penalux**
 Porque livros iluminam

www.editorapenalux.com.br
originais@editorapenalux.com.br

Lendo jornal no Mercado Central

Luciana Merley



— Que queijo mais caro, moço!
 — Isso é porque a Dona não viu a previsão da Selic pra semana que vem...

— Hun?

— Ah! O queijo. É canastra, Dona.

— E o que é que tem demais?

— No queijo?

— É, moço! Não é queijo que o senhor vende aqui?

— Pois, é canastra! Mas eu vendo também um requeijão de puxa que é bom demais. Que levar uma trancinha não?

“Pois se não quer, que não leve”, resmungou Benedito enquanto a mulher de vestido elegante saía rumo à Praça Raul Soares com boca bufante e passo sobressaltado.

Bené vivia de cara nos jornais do dia. Era conhecido por seu fascínio pelas letrinhas espremidas entre as colunas em papel cinzento. Mantinha uma disposição convicta em não aderir às telas do celular ou às notícias radiofônicas entremeadas por sucessos musicais de dois dias de duração.

Lia de tudo, de todos, todos os dias. Saía meia hora mais cedo da Avenida Amazonas, onde morava, e catava jornaleiros pelo caminho até chegar no Mercado. Dizia que homem de sorte foi Drummond — cujos pés da infância compartilharam as mesmas pedras fuliginosas de Itabira — porque podia viver no jornal e alimentar-se dele.

Começava pela *Gazeta* porque a idade avançada ainda deveria ser razão de alguma primazia. Em seguida, o *Estado*, o *Aqui*, o *Tempo*, passando então aos famosos do estado vizinho para completar o café com leite diário. Até fizera a assinatura de um literário lá de Curitiba, dos poucos em papel que restaram, pois nunca vira um jornal publicar com

tanta honestidade os xingamentos e as reclamações de seus leitores.

— E aí, Bené, tá sabendo se a carne vai baixar de preço? Meu irmão lá no interior tá querendo comprar uns bezerrinhos pra engorda, mas os caras tão pedindo 250 na arroba, véi! Vê se pode.

— Ah! Depende do gigante, né, Pedrim?

— Gigante? Que gigante?

— Uai! Cê não sabe não, moço? Quem é o gigante do mundo?

— Quem? Os States?

— Que nada! O States já eram. A China, rapaz! Tudo depende dela agora. Se ela compra menos, a gente tem que vender barato. Se o povaréu começa a passar falta, o chefe lá dispara a comprar e o preço das coisas aqui vai pras alturas. Seu irmão tem que rezar pra que eles voltem a comer bichinhos menores — e riam-se Bené queijeiro, Pedrinho dos temperos e a vizinhança lojista que há muito acompanhava o noticiário “próprio” dos secos e molhados do Mercado Central de BH.

Benedito tanto perdia, quanto angariava clientes. Com o tempo, virou uma espécie de consultor financeiro. Ganhou adeptos do Santo Agostinho à Santa Luzia, da Goitacazes à Rua do Ouro. Jovens indo rumo aos cursinhos paravam para saber se era preferível tentar a universidade ou ingressar logo num curso técnico. Pequenos e médios comerciantes ficaram convencidos pelas explicações claras, sem jargões financeiros, e decidiram sacar suas poupanças e fazer investimentos modestos no mercado de ações.

Bené tanto agradava, quanto chateava. Tecia longos e bem fundamentados comentários acerca do futuro dos graduados bêbados que iam vomitar, cambaleiar e comer

empadas após o baile de formatura. Num desses, quase jogaram abaixo sua vitrine de queijos caros quando, num de seus costumeiros acessos de sinceridade, respondeu a um formando ensoberbecido que a Administração de Empresas que ele escolhera deixaria de existir antes mesmo da primeira entrevista de emprego.

Não era raro que os amigos do comércio tivessem que intervir e acalmar a situação para impedir a investida física contra o Bené. A língua pedalava na mesma toada do seu grande interesse por tudo o que lia nos papers diários.

Numa outra dessas, teve que lidar com a fúria dos recém-filósofos quando perguntados sobre qual seria a opinião de Edmund Burke acerca do pensamento político no Brasil.

— Quem?

— Burke. B.U.R.K.E. O irlandês, e que foi pra Londres... cês nunca ouviram falar? Veja aí, Pedrinho, o que é que eu te digo sempre. Essa geração do Iphone ainda vai enterrear a pouca inteligência que resta.

Nas segundas-feiras em que ele tirava folga, o Mercado transformava-se em um lugar de compra e venda, nada mais. A fonte certa das notícias sérias também agradava os amigos com as anedotas lidas, adaptadas e inventadas por aquele jornalista honorário.

— Olha isso aqui!... “Mulher de saia longa e blusa de manga comprida é flagrada depredando estátua de Iemanjá”. Esse título é dos novos, hein, Rafael! — e virando-se para o diácono evangélico que vendia compotas doces do outro lado — Só faltou colocarem no título que ela não usa maquiagem, nem brinco, vai no círculo de oração e se casou virgem — concluiu às gar-

galhadas para deleite de todos.

— Povinho besta, seu Bené. — respondeu enfasiado o sempre calmo vizinho de frente.

— Tô de acordo, Rafael. Tô de pleno acordo, mas que é engraçado, ah!, isso é.

Da economia à fofoca, dos signos à literatura, do mercado imobiliário ao Brexit. De tudo ele sabia um pouco. Por vezes acrescentava à notícia muito mais do que o colunista ousasse supor.

— O que tem de mulher enfezada nesses dias, vou te contar! Tem umas duas semanas que as capas estão tentando acrescentar beleza à primeira dama da França. E olha outra: tão xingando o Trump porque largou a mulher dele pra trás. Ô homenzinho bruto esse loiro de paina, viu!

— Bruto e besta né, Bené? Pois com uma mulher dessas eu vivia era grudado na cintura — disse o cliente careca, bem-vestido, de voz encorpada, que já pela terceira vez retornava ao Mercado para tomar caldo de cana, ali do lado, no Afonsinho, e se perdia no tempo ouvindo os argumentos do queijeiro acerca de como os empresários poderiam se livrar dos parasitas do Estado.

— Ah! Cê é besta. Largava por nada — completou Bené. — Mas até que aquele topete serve pra alguma coisa. Botou o pé do outro lado da Coreia só depois de ser convidado, sem nem um tiro de pólvora, e com uma cusparada só apagou o fogo do foguetinho. Jogou água fria em quem apostava em guerra.

— Verdade mesmo, Bené. Nisso, você também tem razão — concordou o distinto senhor.

— Mas se tem uma coisa que ele fez e que não tem perdão, foi não ter cumprimentado como se deve a

uma Rainha. Mulher de aço tá ali, debaixo daquela coroa. Olha aqui, Poliana, quê que achou dessa roupitcha da Rainha?

— Tá igual minha calopsita verde com essa penugem na cabeça — disse aos risos de todos, menos de Bené, pois fora um monarquista há alguns tempos e não perdera a profunda reverência pelas celebrações de Westminster.

Fazia dias que os companheiros de mercado notavam o rebaixamento do estoque do Benedito. Vendia e não repunha, coisa que nem nos tempos da recessão ele deixava de fazer. Pedro chegou a comentar com o Afonsinho que Bené andava perdendo muitos clientes com as impertinências quase diárias, no que Afonso discordou, pois os chatos que ele perdia eram compensados pela chegada de gente estudada, rica e interessada nas suas ideias. Foi até que na terceira terça de janeiro, para apreensão de todos, Bené não apareceu no Mercado. No lugar dele, um jornal, dos grandes, endereçado “aos amigos do Central”. Em cada página, uma seta feita a pincel azul indicando a próxima e com os escritos “não pare no primeiro título”, na outra, “não desista” e por fim, numa meia página inteira da seção de Artigos de Opinião, a foto do Bené estampada sob o título “LENDO JORNAL NO MERCADO CENTRAL: a opinião de quem nos lê”.

Logo abaixo do texto assinado por Bené, os amigos reconheceram a foto do cliente careca da voz encorpada. Na legenda, os dizeres: “um dos maiores empresários do Brasil. Mineiro como Benedito”, o patrocinador da nova coluna, que souberam a posteriori, por confissão durante um café no Mercado, ter horror a caldo de cana.



BUZAZEN
KEEP KARMA

Celsinho Kaizen

Não foi sem algum espanto que Celso Alexandre Nogueira acordou de madrugada, ligeiramente suado, despertado por um sonho que ele mesmo viria a considerar genial. O sonho? Criar a primeira cerveja budista do Brasil. A ideia surgiu na forma de um rótulo imenso, branco como nuvem, espumando na ponta, uma mistura conceitual entre uma cerveja mediana e uma base da prática oriental, tudo sob os ombros de um gigante de vidro e um letreiro de neón centralizado. Estava criada a BudZazen:

— Porque Budweiser já tem —, refletiu o criador, abatido.

Era, enfim, a Iluminação. “Quando era mais jovem, cheguei a atingir o Nirvana, mas sou mais um Pearl Jam”, ele ri, desacompanhado. “A ideia de criar a primeira cerveja budista já estava em meu inconsciente”, reforça Celsinho. “Eu apenas deixei fluir com o que flui no mundo, aí minhas antenas receptivas trouxeram até mim aquilo que lancei como bom”.

No tempo histórico normal, Celsinho teve a ideia de uma cerveja zen em 2018, depois de se recuperar da Covid-19 — “meu espírito se antecipou e capturou a Covid já em 2018”. Sua conversão começou “com uns podcasts daora” e terminou “com mais alguns podcasts maneiros”.

Celsinho KaiZen, que hoje poderia ser um dos mais bem-sucedidos empreendedores do Brasil decolonial, quicá fundador e principal acionista de uma rede de cervejas artesanais — cujo centro conceitual seria o desaparego ao eu-menor e o apego ao copo-maior —, defendeu que a BudZaZen encontrou

no caminho da manguaça e da meditação a chave para uma vida equilibrada. Uma cerveja pró-presença absoluta. “Nosso slogan é *keep karma!* Criativo, né? Curto essas *vibe*, zero espaço pra negatividade no meu dia”.

O início da jornada espiritual e ética de Celsinho teve momentos de muita dificuldade. A partir de diversas análises de mercado no Tinder e da opinião final de seu vizinho chapado, Celsinho chegou a uma cerveja que não era aguada, mas também não era amarga, nem forte, nem fraca. “Uma cerveja como o Caminho do Meio — chavosa, segundo os podcasts”. Em setembro de 2020, ele foi atrás de uma comunidade budista de Curitiba para buscar conselhos de marketing e financiamento, mas acabou alvejado por “um monge careca e vestindo uma roupa estranha”, que teria declarado “aqui ninguém tem sangue de barata”. Na época, o Monge Genshō, reconhecido mestre budista que estava de visita em Curitiba, teria perdido o estado de contemplação diante do abuso interpretativo das Escrituras por parte de Celsinho KaiZen — ele teria até sugerido um B.O. por estelionato e, em última instância, “para tentar tirar esse picareta das ruas”.

Após visitas de relativo sucesso a 36 estabelecimentos comerciais, incluindo paleterias e museus vivos de *frozen yogurt*, Celsinho decidiu que era o momento de expandir a rejeição: foi a um cassino em busca de sorte e financiamento. Passadas três rodadas de pôquer, o que restava mal compraria dez quilos de malte. “Preciso sair dessa cidade tóxica”, pensou, após “rezar pra Buda ou algo assim”. Com seus últimos R\$ 72,

ele comprou uma passagem só de ida para São Paulo. “O curitibano é muito *down*”, refletiu.

Em São Paulo, ainda na rodoviária do Tietê — mais especificamente no Lotus Coffee & Morning Routine —, Celso conheceu Luana Mintto, deixando-se levar pelo cabelo hidratado, pela derme bronzeada e pelo sotaque levemente carioca da moça. Mintto, que já havia tentado se eleger vereadora em Jundiaí (SP) com o *slogan* “Exagero, mas não Mintto” — eleito o pior *slogan* eleitoral da campanha de 2020 pela página de Instagram “ClubeDaUvaJundiaí” (4 mil seguidores) —, trocou ideias de negócios com Celsinho. Acontece que Luana Mintto também já havia sido condenada por comandar um esquema de pirâmide, motivo pelo qual deixou (mas, antes disso, conquistou) o Rio de Janeiro. “Era marketing de rede, a Polícia tirou conclusões erradas”, logo defenderia Celsinho, inebriado pela chance de multiplicar seus futuros investimentos — e por aquele cabelo hidratado.

Uma reunião, um *pitch*, um *briefing*: Celsinho só precisava levar a BudZaZen ao círculo de amigos e investidores de Luana, que àquela altura já podia ser chamada de Lu. No *coworking*, ela entrou com a sala; ele, com o cérebro. “Meu, isso dá unicórnio”, comentou um dos envolvidos, tido como investidor-anjo, embora — como Celso viria a descobrir com trágico atraso — o sujeito alimentasse uma dívida diabólica em seu CPF (e em 40 de seus 42 CNPJs).

Ali mesmo, com seu pequeno caderno à mão, Celso concordou em fazer parte de “uma rede de financia-

mento cripto metaverso dinheiro etc.”, entrando apenas com um investimento inicial — “o apartamento que minha avó me deixou não é nada perto do potencial da BudZazen” — e algumas assinaturas. Sem saber, mas sorrindo muito, ele assumiria 40 CNPJs e a responsabilidade legal absoluta pelo esquema de fraudes “Gran Ruby”, pelo qual seria preso duas semanas depois. Estupefato, ele *quase* beijaria Luana — “agora não, vamos celebrar mais tarde” — e esqueceria seus pertences no ambiente. Luana Mintto não o veria nunca mais, embora tivesse marcado um *happy hour* no bar Cringe Rooftop. “Deve ter se perdido...”, pensaria Celsinho, sem entender como suas mensagens de celular não mais chegavam até ela, tampouco suas ligações.

No chão do *coworking*, o diário de Celsinho — inconfundível Tilibra 2003, capa dura com um surfista em ação — repousa perdido. Curioso, um braço em terno de lã se estende para alcançá-lo. Charles Zaccardo se encanta com o que vê. Um mês depois, está pronta a BudZazen. Enquanto isso, Celso Nogueira aprende sobre privação e meditação na Casa de Custódia de São José dos Pinhais (PR).

Tarantino romancista

No fim de junho de 2021, **Quentin Tarantino** publicou *Era uma vez em Hollywood*, novelização de seu filme homônimo (2019).

Assisti a *Era uma vez em Hollywood* no cinema, o que já parece há uma eternidade, tratando-se de 2019. Lembro de ter gostado, mas com algum estranhamento. A sensação de não saber exatamente o que agradou, o que desagradou; a confusão que requer nada além de tempo para indicar direções.

Passados alguns dias, o filme não saía da minha cabeça. Mas não necessariamente o que *acontecia* nele, em termos de eventos e movimentos, e sim cenários, transições; Clith (**Brad Pitt**) dirigindo; **Sharon Tate** (**Margot Robbie**) dirigindo.

Isso bastou para abraçar aquele universo – Los Angeles, fevereiro de 1969 – (re)criado por Tarantino com enorme afeto. Quando o livro do diretor foi anunciado, soube que daria uma chance de braços abertos. Principalmente após *ouvir* Quentin Tarantino falar sobre a própria obra: é difícil não se convencer pela paixão irrestrita com que ele, como uma criança na sorveteria – já cheia de açúcar –, trata o próprio trabalho.

Em suma (e sem *spoilers*), o diretor se deu conta de que tinha personagens cativantes em mãos, interpretados por grandes atores. A partir disso, ele não precisaria construir uma grande história para além de um dia comum na vida de três personagens centrais: os fictícios Rick (**Leonardo DiCaprio**) e Cliff e a realíssima Sharon Tate, cujo assassinato traumatizou uma era.



E N C L A V E

a newsletter semanal do Jornal **RelevO**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>



Assistir ao filme com essa premissa em mente (e sem esperar, digamos, *Cães de Aluguel*) permite uma catarse deliciosa, o mero deixar-se levar por um universo construído com um carinho visivelmente pessoal.

Era uma vez em Hollywood, o livro, é uma extensão disso.

De início, portanto, Tarantino sequer trata a obra como um romance propriamente dito. Tal qual o longa-metragem, é um apanhado de momentos (às vezes cotidianos, banais) de seus personagens, os quais, por sinal, ele não se propõe a desenvolver. O livro é um filme com cenas estendidas, cenas extras e mais contexto (por sinal, haverá um *extended cut*).

Era uma vez em Hollywood, tanto o filme como o livro, é repleto de metalinguagem, mas não por ela mesma – nem como muleta crítica –, e sim simplesmente como um mecanismo para Tarantino desenvolver uma *fan fiction* do período desejado e se perder nele sem as chaves.

No romance, com ares de *pulp fiction* (o gênero, não o filme), Tarantino transita entre a história do cinema, opiniões sobre filmes (terceirizadas em personagens), eventos fictícios de personagens reais e demais eventos de personagens fictícios.

Ironicamente – e com absoluta consciência –, a maior narrativa do livro diz respeito à série *Lancer*, escrutinada pelo autor como um conto e temperada pela fluidez natural dos obsessivos.

Aqueles convencidos pelo filme têm muito a ganhar com *Era uma vez em Hollywood*, literatura despreocupada e rústica, mas totalmente ciente de seus objetivos – e com uma voz bem definida. Não se trata de “narrativa transmidiática”, malemal de narrativa. São momentos espalhados de personagens espalhados.

Por fim, testemunhamos um sujeito talentoso compartilhando conosco um período mágico (para ele) e traduzindo isso em duas mídias (portanto, linguagens) diferentes. Quentin Tarantino se perde, no melhor dos sentidos, em seu universo, abrindo a porta para nos emprestar um pouco desse encanto. O que mais podemos pedir?

TERNURA ANTIGA

Ribamar — Dolores Duran

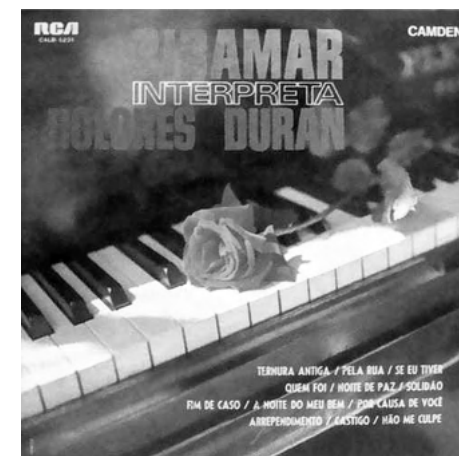
1960

Ternura Antiga foi apresentada no fim de 1960 por Lucienne Franco no Festival das Dez Mais Lindas Canções de Amor, lançado como o disco *Festival do Rio – As Dez Mais Lindas Canções de Amor*.

No fim de 1959, depois de Dolores Duran ter morrido com apenas 29 anos, sua amiga Marisa Gata Mansa entregou ao compositor e pianista Ribamar um poema não concluído de



Ternura Antiga foi aclamada criticamente, embora a música tenha terminado no segundo lugar, atrás de *Canção em Tom Maior*, escrita por Ary Barroso e interpretada por Ted Moreno. Curiosamente, apesar desse sucesso, a versão original de Lucienne Franco só foi lançada em março de 1961 como lado B de *Poema do Adeus* – a versão dela da música inscrita por Milton. Esse fato pode explicar por que



uma popularidade imensa nos anos seguintes. A final ocorreu em 10 de novembro de 1960 no Tijuca Tênis Clube, no Rio de Janeiro, e apresentou as dez músicas que haviam se classificado entre mais de mil inscrições do concurso executadas por Milton, Jorge Goulart, Zezé Gonzaga, Roberto Silva, Ernani Filho, Carlos José, Agnaldo Rayol, Lenita Bruno, Lucienne Franco e Ted Moreno.



aquelas de Elza Laranjeira, Tito Madi, Nelson Gonçalves e Altemar Dutra; e entre as instrumentais, a de Araken Peixoto com seu trompete silenciado. O próprio Ribamar não gravaria *Ternura Antiga* até 1969, quando ele reservou um álbum inteiro às músicas de Dolores Duran.

Duran pedindo-lhe que compusesse uma música em memória dela. O resultado – *Ternura Antiga* – foi apresentado com a gravação emotiva de Luciene Habib Franco Freitas Câmara, cantora pouco conhecida à época.

O Festival das Dez Mais Lindas Canções de Amor, patrocinado pela gravadora Copacabana e apresentado pela TV Rio, foi uma das primeiras competições de canto e composição a ganhar



a gravação de Tito Madi se tornou a versão mais famosa de *Ternura Antiga* e um dos grandes hits de 1961.

O arranjo sensível de José Pacheco Lins “Pachequinho” foi reutilizado tanto em sua própria gravação de *Ternura Antiga* como na regravação de Lucienne Franco em francês, chamada *Ancienne Tendresse*.

Entre as melhores interpretações constam, sem dúvida,



RelevO apresenta **Brazilliance**:
 a música do mês para o conhecedor sofisticado!
 Ouça as gravações por meio do código
 QR ou conheça a canção nº 55 no
BRAZILLIANCE.wordpress.com



ACEITARIA POR 70 REAIS AO ANO?



Periódico impresso mensal.

Literatura, humor, cultura.
E mais coisas. Depende.

RelevO

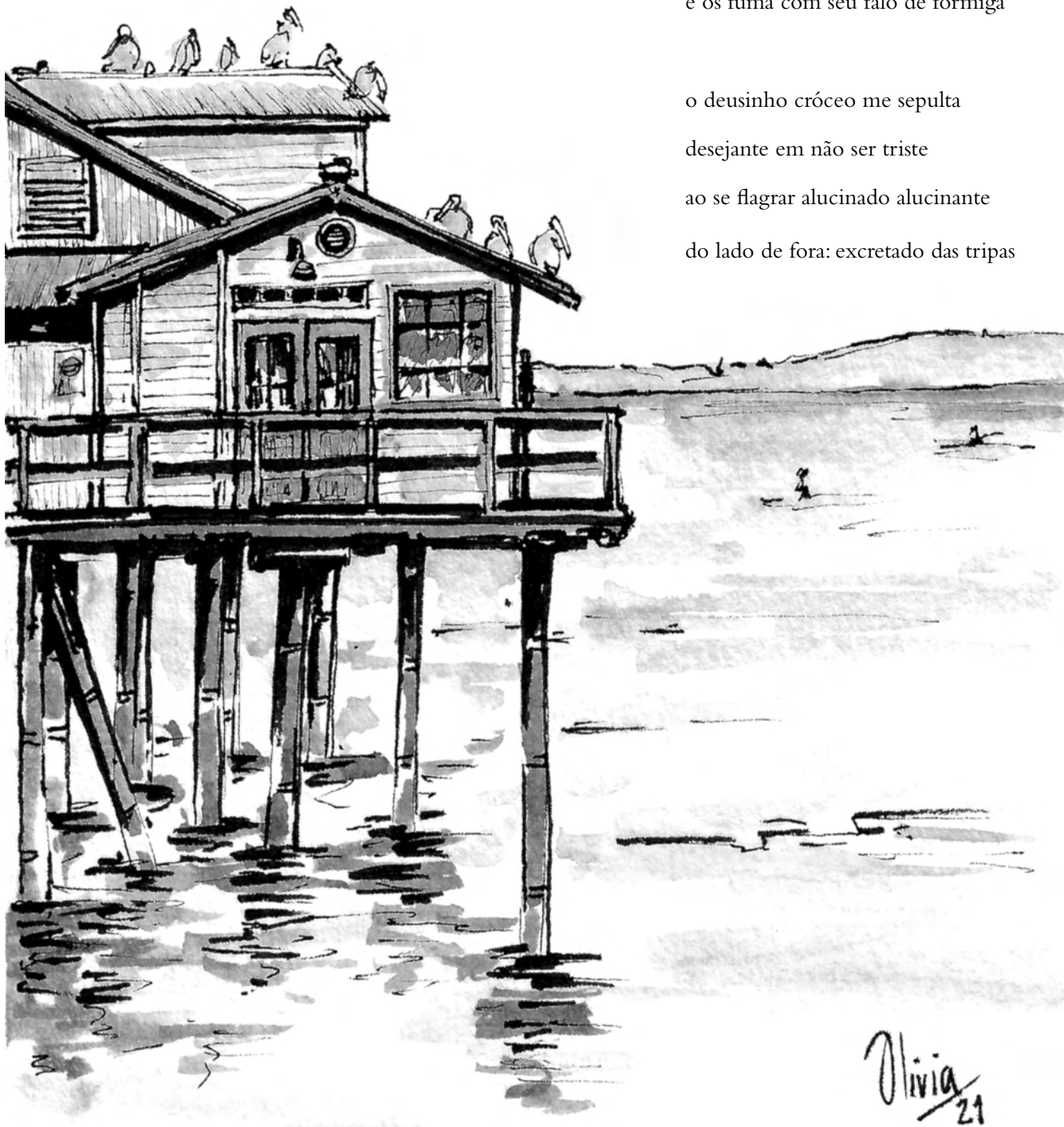
Kadosh

Layla de Guadalupe

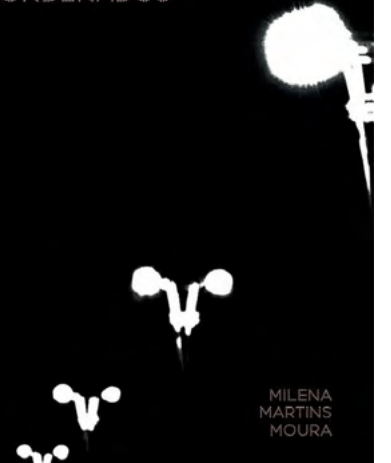
estou grávida de um sol
 existe dentro do meu oco
 um minúsculo deus dourado
 com sua boquinha de doce

o filho kadosh de sarjeta
 acende inúmeros cigarros
 em sua trincheira epitelial
 e os fuma com seu falo de formiga

o deusinho cróceo me sepulta
 desejante em não ser triste
 ao se flagrar alucinado alucinante
 do lado de fora: excretado das tripas



A ORQUESTRA
 DOS INOCENTES
 CONDENADOS



A Orquestra dos Inocentes Condenados, de Milena Martins Moura, totalmente concebido durante a pandemia da Covid-19, trata dos impactos mentais do isolamento social sob a perspectiva da neurodiversidade.

venha rápido pois tenho pressa
 tenho uma pedra
 então entenda
 o mergulho nessa água escura
 é um risco
 que eu só vou aprender a viver
 depois do salto
 um risco é o que se corre
 e eu tenho pressa
 meus braços são tão fracos
 e eu tenho pressa
 mesu olohs tmê falhaod
 e eu tenho me evitado
 no reflexo do poço
 eu tenho pressa
 da palavra pesando meu corpo
 de levantar os olhos e ver
 e ver
 cada silêncio é uma imagem a menos
 então venha rápido
 antes da próxima maré
 que nessas águas repousa a coisa morta
 que se perdeu de mim durante a última
 música

Milena Martins Moura
 Editora Primata

Disponível pelo site da Editora Primata
 (www.editoraprimata.com/).

**A Orquestra dos
 Inocentes Condenados**

poesia

ISBN: 978-65-88866-57-3

102 páginas

R\$ 35



Rodolfo Caravia

Tradução de Johann Heyss

Estranhos na noite

— Queria outra coisa — disse Lourdes.

— Como o quê?

— Não sei, mas a verdade é que já estou meio enjoada de fazer a mesma coisa todos os anos: primeiro ir ao teatro, depois jantar num rodízio e terminar as três tomando café no Barcito Brasileiro. As três solteironas.

— É o problema de não ter marido — concordou Carmen.

— Nem companheiro — arrematou Ana.

— Nem amante.

— Não seria excitante? — entusiasmou-se Lourdes.

— O quê?

— Se nós três tivéssemos amantes, homens casados. Tem que ser casado, senão não tem graça. Aí a gente saía os seis juntos para curtir de tudo na noite, hein?

— O quê?

— Para curtir a noite! E terminar num motel.

Carmen abriu mais a boca do que os olhos e fitou a amiga.

— Assim já é demais — disse ela. — Quem sabe você também não queira ver algum *stripper*.

— Não, não gosto deles. Não me parecem naturais, parecem que são de plástico — disse Lourdes. — Gosto dos barrigudinhos.

As três eram amigas devia fazer uns dez anos. Lourdes e Carmen ainda mais, desde o colégio. Ana juntou-se a elas quando se conheceram, dando aula na mesma escola.

Lourdes se divorciara três vezes.

— Admito que sou a única culpada. Não nasci para casar. Gosto muito de homem, tenho até pena dos meus maridos porque, mesmo que eu não queira, sei que vou acabar traindo — justificou-se.

Carmen era viúva fazia alguns anos. Segundo ela, foi muito feliz no casamento, reconhecendo ser a clássica dona de casa que ficava esperando o marido. Na viuvez, teve apenas duas

experiências: um ano atrás, uma “fugidinha” de alguns dias para Florianópolis com o diretor de sua escola, experiência da qual ele relutava em falar — Lourdes, por sua vez, garantia que ele voltara “pleno”. A outra aconteceu durante os dolorosos meses de luto, uma escapadinha de fim de semana à casinha da praia com Ana para tentar relaxar e se convencer de que a vida continuava, apesar de tudo. Talvez tomadas pelo clima de angústia — Ana contou-lhe sobre seu passado —, naquela noite de inverno acabaram por unir seus infortúnios. Foi um momento terno, mas que Lourdes não queria repetir. Lourdes não sabia direito o que se passava na cabeça de Ana, mas volta e meia se sentia observada por ela. O episódio ficou entre as duas como algo que se deu naturalmente e ela, que tanto apreciava Ana, não tentara apagar o episódio da mente.

Sobre o passado de Ana, pouco se sabia. Só quem sabia mesmo era Carmen, que jamais dizia nada, nem para Lourdes. Solteira, muitos anos atrás, Ana tivera uma paixão das grandes, do tipo marcante, e por causa dela nenhum dos vários relacionamentos que ela teve depois deram certo. Aos 50 anos, sentia-se um pouco frustrada e não sabia o que fazer com as investidas que vinha recebendo de um jovem professor que começara este ano a lecionar na mesma escola que ela.

As três eram agradáveis e elegantes, e é claro que foram lindas jovens, pois atravessaram o véu dos anos ainda lindas. Ana e Carmen aceitaram a passagem da vida, sentiam-se plenas com a idade que tinham e só de vez em quando se davam ao trabalho de cobrir os cabelos com tintas suaves. Lourdes, não. Ela lutava muito pela juventude, frequentava academia de ginástica, tomava iogurte e vivia em uma guerra permanente com os cabelos grisalhos, sem perceber que suas longas madeixas negras já não a favoreciam mais.

Agora as três estavam sozinhas, o

que apavorava Lourdes e deprimia um pouco as outras duas.

O diálogo anterior se deu em um domingo na casa de Carmen, quando estavam decidindo o que fazer no próximo aniversário dela e de Lourdes.

— Me falaram de El Lagar — animou-se Lourdes.

— Espero que a gente não saia moída — riu Carmen. — Que invenção é essa?

— É um lugar moderno, tipo rústico, da periferia, acho fica em Carrasco.

— Rústico e na moda: só podia ser em Carrasco — disse Ana.

O local ficava de frente para a costa em um ponto um tanto elevado, cercado de pinheiros, que já fora uma vinícola ou algo assim. Ainda não havia lua e o único ruído que se ouvia era o som suave das ondas vindo da praia escura. O prédio era pequeno, mas tão bem iluminado que insinuava sombras sutis. De algum lugar vinha uma sinfonia que as acompanhou desde o estacionamento até a porta da frente.

Lá dentro perceberam que era um lugar aconchegante, cheio de vigas de madeira escura e uma iluminação indireta que mergulhava tudo em uma aparência de ouro antigo. Havia uma pequena pista de dança cercada por mesas e cadeiras rústicas. Em uma pequena plataforma havia um piano e um violão apoiado em uma cadeira. Iluminado por uma intensa luz branca, um negro magro e esguio deslizava as mãos pelo teclado e cantarolava “Strangers In The Night” em um inglês ruim, mas com muito sentimento. Nos fundos tinha um bar com alguns clientes e, em umas mesas, havia casais que conversavam animadamente. A atmosfera era perfeita, acolhedora e sutil ao mesmo tempo. Um garçom de avental de couro gentilmente ofereceu-lhes um lugar ao lado do pequeno palco de madeira. Deixou-lhes os menus e retirou-se discretamente. As três estavam maravilhadas.

— Foi uma boa escolha — disse Carmen, olhando ao redor.

— Sim, mas não estou vendo muitos homens — queixou-se Lourdes.

Em silêncio, o garçom apareceu ao lado delas e começou a colocar pratos com canapés, na verdade muitos pratos. Elas se entreolharam, surpresas.

— Com licença, mas ainda não fizemos o pedido — disse Lourdes, tentando interromper.

— Desculpe, mas é uma cortesia. O que gostaria de beber?

— Cortesia? — As três olharam para aquele farto jantar — De quem?

— Do cavalheiro no balcão do bar. — O garçom, com ar malicioso, meio que se virou para trás e as três viram um elegante homem de cabelos grisalhos que ergueu ligeiramente um copo de uísque na direção delas.

— Não podemos permitir isso — disse Carmen, nervosa.

— Pois sim! — Lourdes cortou — O aniversário é meu e agradeço ao senhor. — Voltou-se para o bar fazendo uma reverência graciosa — Para mim e para a senhora — apontou para Carmen — coquetel que deixo à escolha do barman, e para a outra senhora, um uísque. Por favor, agradeça ao cavalheiro.

— Não posso acreditar — resmungou Ana quando o garçom saiu.

— Não se preocupe, *stripper* ele não é — Lourdes riu. — É um coroa que está em boa forma e já sabe que é meu aniversário, e se vocês duas se comportarem direitinho, converso com ele e peço que arrume uns amigos para vocês.

O garçom apareceu com dois soberbos coquetéis, um copo com um pouco de gelo e uma garrafa de Chivas, e se pôs a servir as doses na altura exata e determinada. Ana levantou os olhos por sobre o braço do garçom para ver o bar. O homem as observava serenamente.

Dois jovens subiram ao palco, um pegou o violão e o outro se sentou

atrás da bateria. Começaram a tocar bossa nova.

— Não seria o máximo se tocassem Vinicius e Maysa? — Lourdes aplaudiu. Alguns casais começaram a dançar — Ele podia vir me tirar para dançar. — Os olhares perplexos de Carmen a silenciaram. O homem se materializara diante delas.

— Permita-me...

Antes que suas amigas falassem qualquer coisa, Lourdes indicou uma cadeira que o garçom havia deixado ao passar.

Ele não era apenas um coroa bonito — comentou jocosamente que estava mais perto dos 60 do que dos 50 —, ele também tinha uma conversa galante e um sorriso fácil. Surpreendentemente, quem mais resistiu à conversa foi Ana, mas a presença do homem não lhes era incômoda, o que as tranquilizou.

Passado um tempo, o garçom apareceu com uma garrafa de espumante francês e elegantes taças compridas para celebrar o aniversário de Lourdes. Enquanto as amigas falavam com Fernando, Ana não parava de olhar para o rosto dele e para as suaves rugas que o percorriam.

Ficaram conversando até que houve uma troca de músicos: a bateria ficou vazia e subiu ao palco com um bandoneón nas mãos um velhinho de gravata-borboleta, terno escuro e o cabelo penteado, repartido ao meio.

Ele e o violonista começaram a tocar uma milonga e Fernando convidou Lourdes para dançar.

— Acabou sendo uma surpresa agradável — disse Carmen, observando-os dançar. Como Ana não disse nada, Carmem perguntou — O que foi?

— Nada. Estou cansada.

— Acho que você não gostou dele.

— Não posso afirmar nada, não conheço ele e, além do mais, ele já escolheu.

Elas olharam para o casal. Os dois dançavam muito bem. Tanto que, quando começou o último tango, os demais que estavam dançando os deixaram sozinhos na pista e, quando o bandoneón soltou o derradeiro lamento, os dois permaneceram estáticos na pose final e todos aplaudiram. Quando voltaram à mesa, Lourdes se sentou, mas Fernando continuou de pé e disse:

— Se me permitem — e retirou-se.

As três o observaram seguindo em direção ao bar.

— Que tal? — Lourdes sorriu. — Fala bem, dança bem e tem pegada, o que mais eu posso querer, meninas?

Dei a ele meu telefone.

— Ele pediu? — insinuou Ana.

— Bem, eu que dei. Vale a pena, né?

— Não sei — respondeu Ana.

— Que é isso, Ana, não seja negativa.

Ana deu um sorriso relutante.

O homem negro continuou a tocar piano e a cantar o blues. A voz dele não era boa, era rouca, mas ele se entregava com entusiasmo.

De repente, perceberam que já havia passado um tempo e nada de Fernando voltar. Lourdes olhou para o bar, mas ele não estava lá.

— Vou perguntar ao garçom.

— Não pergunta nada — interrompeu Ana, apertando-lhe a mão. — Tenho certeza que ele foi embora.

— Não acredito.

— Não seja infantil — Ana não largou a mão da amiga. — Tenho certeza que ele foi embora e deixou esse prejuízo para nós — apontou com a cabeça os pratos, os copos e a garrafa de espumante.

— Não se preocupe, Lou, ele tem seu telefone, talvez esteja indisposto — Carmen procurou suavizar as coisas.

— Pode ser — respondeu a outra, tentando sorrir. — É melhor irmos, não é? Estou cansada. São muitas emoções.

— Convido você para tomar um café lá em casa — disse Carmen.

— Que seja com bastante conhaque — concluiu Lourdes e Ana chamou o garçom.

— A conta, por favor.

— Está tudo pago, senhoras.

Carmen fez um gesto sorridente para Ana.

— Tudo bem — interferiu Lourdes. — Aquele senhor...

— Estava aqui agorinha mesmo — o garçom gesticulou como quem não entendia o que havia acontecido. — Não sei.

— Agradecemos — disse Carmen, levantando-se.

— Por favor, senhora — respondeu o garçom enquanto puxava as cadeiras para elas.

As três pararam na porta por um momento e olharam para a lua vermelha que subia o rio amenamente, iluminando-o com luzes inconstantes. As três, talvez por motivos diferentes, sentiram que aquela noite estava carregada de coisas secretas.

Caminharam lentamente até o carro de Ana.

— Esses saltos altos massacram meus pés, estou com saudade dos meus chinelos — queixou-se Lourdes.

— É que você requebrou demais.

— Carmen riu.

— Qualquer um diria que você está com ciúme porque ele só ficou com o meu telefone.

— Você também nem perdeu tempo — retrucou Carmen.

Ana não disse nada.

Acomodaram-se dentro do carro. Lourdes atrás, Carmen ao lado de Ana. Foi quando Carmen, soando preocupada, perguntou a Ana:

— O que aconteceu?

Ana, agarrada ao volante, olhava fixamente para a frente, na estranha luz da noite, e parecia não escutar a amiga. Ficou assim por alguns segundos até que esticou a mão, abriu o porta-luvas, pegou uma garrafinha de vidro, tirou a rolha e, sob o olhar atônito das amigas, tomou um longo gole de uísque sem nem parar para respirar. Quando terminou, largou o frasco vazio no chão do carro e respirou fundo várias vezes.

— Merda! — Ana quase gritou. — Eu estava mesmo precisando de um bom gole de biritita. — Pôs a chave na ignição. — Como diz o poema? Ah! Sim. “O homem sozinho a esperar” e que, eu digo, vai continuar esperando. — Girou a chave, o motor ronronou e ela, com a cabeça longe, acelerou várias vezes em ponto morto.

Carmen pôs a mão no braço de Ana.

— Não vá se equivocar outra vez.

Lourdes protestou do banco de trás.

— Ué! Que é que há? Por que é que bebem se depois passam mal?

O barman olhou para o outro lado do balcão e notou o copo. Pegou uma garrafa, um balde de gelo e foi.

O homem estava de volta ao banco alto. O cachimbo no canto da boca e uma leve fumaça azul celeste parecia acompanhar sua respiração. Ele observou o barman mexendo na garrafa e no gelo. Era um barman dos bons, não era de ficar fazendo malabarismo com as garrafas.

— Se mexer muito na garrafa, o líquido fica nervoso e perde o sabor. É estressante — costumava dizer. Era muito gordo, coroa e movimentava-se com incrível facilidade atrás do balcão enquanto preparava e inventava as melhores bebidas que lhe pediam. Tinha as melhores condições de um bom barman: assim como um padre, ele sabia ouvir as confidências de seus clientes.

O homem o conhecia há muitos anos e por isso, sabendo que ele estava lá, aparecia muito para beber um uísquinho e conversar um pouco naquele

canto calmo e aprazível.

E assim lá estava ele quando as três mulheres entraram na sala e ficaram em dúvida, olhando uma para a outra, mas foi só um instante, porque imediatamente um garçom surgiu ao lado delas e indicou uma mesa perto da pequena pista. Trocaram olhares instintivos.

— Muito agradáveis as coroas, não é? — disse o barman dando uma piscadela, mas o outro não respondeu: estava olhando para uma das mulheres, o copo na mão.

Mas isso tinha sido no começo da noite e agora que tudo havia acabado, ele estava muito cansado.

Vários casais jovens entraram dando risada. As garotas, lindas e despreocupadas, eram as mais alvoroçadas, pareciam um pouquinho bêbadas.

— Que gracinhas! — Outro cliente que estava no bar riu, fazendo um gesto com a cabeça em direção ao homem.

— Sim, mas não gosto das jovens: o que ganham em liberdade, elas perdem em mistério, e o que é uma mulher sem um véu de mistério? — respondeu.

O outro pensou um pouco, meneou a cabeça em concordância, levantou a taça em saudação e se afastou do bar.

— E aí? — O garçom lhe serviu a bebida.

— Não aconteceu nada. — O homem olhou para o fumo aceso no cachimbo em busca de uma explicação. — Na realidade, nada poderia acontecer.

— Mas ela te reconheceu?

— Sim, claro, e o meu nome também. Falei de coisas que só ela e eu sabemos. Ela ficou só me olhando e mais nada, não teve nenhuma atitude. Só aqueles olhos me mirando, inclusive sem rancor. Mas só os olhos dela na minha cara.

— Você dançou com outra. Por que não tirou ela para dançar?

— Não sei, talvez pelos olhos dela. Talvez a tensão que imaginei em seu corpo, talvez eu tenha me acovardado. Sabe o que é? Agora eu me dou conta do quanto eu preciso dessa mulher a quem eu fiz tanto mal no passado.

Ele tirou algumas notas e as entregou ao barman. Precisava ir embora e ficar bem longe. Não na solidão de sua casa, é claro. Para ele, ainda não estava tão tarde da noite, e sabia que dava para conseguir companhia. Mas percebeu que não queria ficar sozinho, apesar de tampouco querer companhia. Só queria ficar longe.

Abrace o caos

Otávio de Moura Brandão

I

Joan Didion morreu na véspera da véspera de Natal de 2021, aos 87 anos, vítima de complicações da doença de Parkinson. Autora de uma grande obra, Didion foi um ícone do Novo Jornalismo dos anos 1960, um dos grandes nomes de uma safra que tratou o jornalismo com a mesma potência de um romance. Seus escritos principais são desta leva, ainda que ela também tenha deixado sua marca na ficção, no cinema e na memória.

Sua morte foi acompanhada de uma série de homenagens prestadas por jornalistas e escritores, gente que leu, cresceu e aprendeu com o que ela tinha a dizer. Na revista *New Yorker*, a escritora Zadie Smith falou da importância que Didion teve para a sua geração, da autoridade do seu texto. “Há muita coisa em Didion com a qual alguém pode discordar pessoalmente, politicamente, esteticamente. [...] Mas continuo agradecida pelo dia em que peguei *Rastejando até Belém* e percebi que uma mulher poderia falar sem hesitar, sem fazer graça, sem lirismo, sem soar agradável ou doce, sem deferência e até sem dúvida”, escreveu Smith.

No *The New York Times*, entre as muitas deferências feitas, o colunista Ross Douthat usou seu espaço semanal para apreciar o caráter conservador de Didion. Não tanto em relação a preferências pessoais suas — é sabido que Didion vinha de uma família Republicana —, mas de como seu texto era cético, crítico e irônico com o que acontecia nos Estados Unidos nos anos 1960. De como ela carregava uma nostalgia implícita por uma Califórnia que gradualmente deixava de ser Sacramento para se tornar mais São Francisco.

Essas duas Didions — a autoridade feminina e a reacionária californiana — são verdadeiras. Assim como

outras leituras da autora também são verdadeiras: a elitista que tinha pouca paciência para o idealismo juvenil; a oráculo que viu na desordem de Haight-Ashbury a atomização da América das décadas seguintes; a ensaísta que trouxe o “eu” para o centro do texto, fazendo astros de Hollywood complementos de si mesma. Todas essas Didions existiram e estão presentes em seus textos.

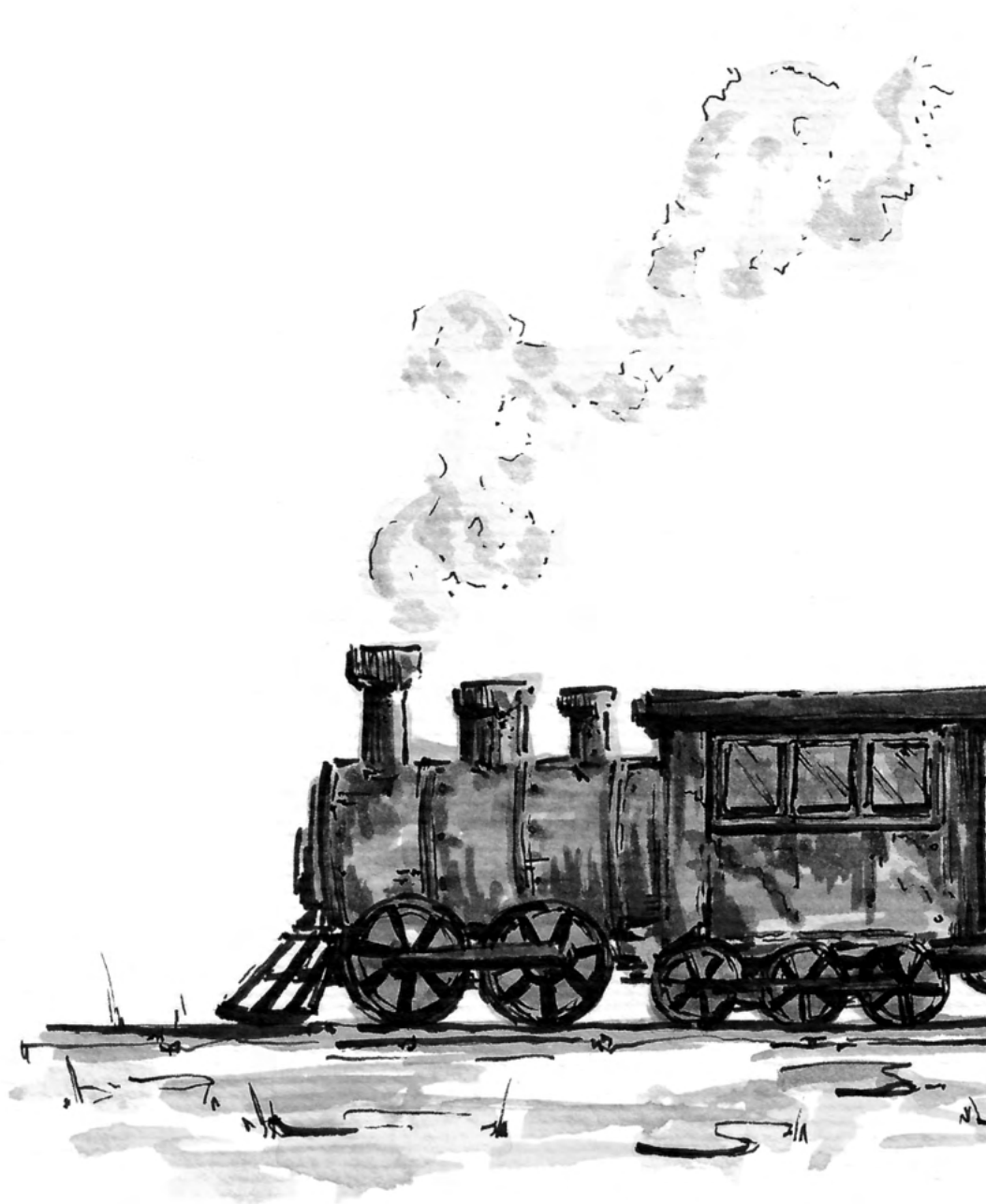
Mas, para mim, Joan Didion começou no luto.

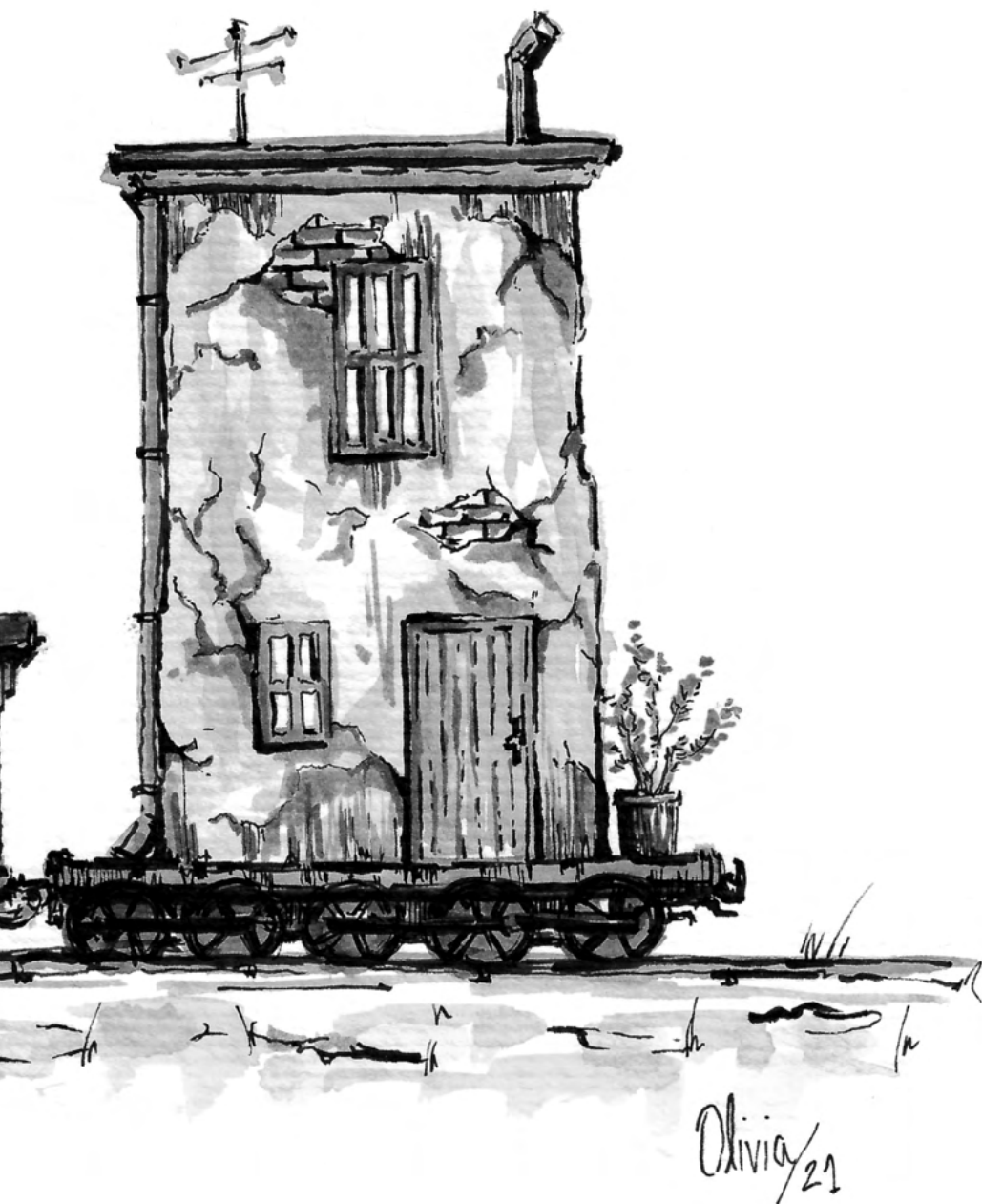
II

“Você se senta para jantar, e aquela vida que você conhecia acaba de repente”.

Foi em 2017 que ouvi falar pela primeira vez em Joan Didion. Eu tinha acabado de enterrar uma pessoa querida e meu luto consistia em buscar respostas em livros. Em alguma lista de “melhores livros sobre a morte”, a primeira indicação era *O Ano do Pensamento Mágico*. À época, Didion não bombava no mercado editorial brasileiro como hoje. Não havia pilhas de livros seus na entrada das Travessas e Livrarias da Vila. A edição padrão do livro era da editora Nova Fronteira, lançada por aqui em 2006 — um ano após a publicação do original nos Estados Unidos. Comprei o livro em um sebo virtual e até hoje essa é a minha cópia, ainda que eu tenha presenteado algumas pessoas com as novas versões da Harper Collins.

O Ano do Pensamento Mágico conta uma história simples: no Natal de 2003, Quintana, filha de Didion, deu entrada em um hospital correndo risco de vida. Cinco dias depois, John Gregory Dunne, marido de Didion, morreu de infarto. Por um ano, Didion desdobra esses dois acontecimentos, percorrendo seus pormenores, suas idas e vindas, as lembranças deles decorrentes e as dores e os afetos que os





cercam. É um livro de leitura rápida e até mesmo fácil. As frases são curtas, diretas, os exemplos são cotidianos, estão tudo bem às claras e ela conclui seu arco em pouco mais de 200 páginas. Desde então, nada descreveu tão bem o que é perder alguém.

A ideia de transformar o luto em texto não é nova e Didion reconhece. Ela começa o trabalho procurando obras, livros, artigos acadêmicos que expliquem por que dói tanto quando alguém morre. Isso é parte da sua terapia. “Em tempos difíceis, leia, aprenda, trabalhe em cima da coisa, pesquise a literatura a respeito”, ela diz em dado momento. Essa era a minha terapia também, ainda que eu nunca tenha tido o ímpeto ou a determinação de Didion de ir tão a fundo nessa busca, talvez por medo do que pudesse encontrar.

Para Didion, o que ela encontra não basta. “Eu queria mais do que uma noite de lembranças e suspiros. Eu queria gritar. Eu queria ele de volta”. O sentimento não é incomum para quem já enterrou os seus e vem daí a empatia que o livro gera nesse público. Didion conta muitas histórias de lugares que eu não conheço, de pessoas que eu nunca ouvi falar e de momentos que demandariam muito estudo sobre as particularidades da Califórnia para total compreensão. São floreios que enriquecem a experiência e que nunca afastam quem lê da dura lida que é a morte.

O que me chamou a atenção em *O Ano do Pensamento Mágico* foi a forma caótica como o livro se apresenta. Isso não é uma crítica negativa. É fácil entender o que se passa. O caos aqui é o caos da não compreensão, da falta de sentido, da desordem. Como assim ele morreu? Como assim ele não vai terminar as minhas frases? Como assim eu não vou poder ler para ele o jor-

nal? Ele sempre me esperou para jantar! O luto não é o choro em frente ao caixão, ele é a incapacidade de botar a roupa para lavar no dia seguinte. É no cotidiano que a falta se faz. A vida continua, o despertador toca todas as manhãs, há contas a serem pagas, mas quem sobrevive sabe que algo se perdeu.

Contar isso de forma aberta é a maior qualidade do livro. Lá pelas tantas, Didion escreve: “Quem sofre uma perda recente fica com um certo olhar que talvez seja somente reconhecível pelos que já viram aquele mesmo olhar no próprio rosto. Notei isso no meu rosto e agora percebo isso nos outros. Esse olhar reflete uma enorme vulnerabilidade, é como estar nu e desarmado”. Eu apenas tiraria o “recente”. De resto, é isso. Quem perde se reconhece. No olhar, no toque, no riso, no silêncio, na ausência.

Após *O Ano do Pensamento Mágico*, Didion publicou *Noites Azuis* sobre a morte de Quintana. Aqui, o caos é uma crítica ao texto, o que explica o livro ser menos citado que seu antecessor. Seria pedir demais de alguém que passa pelo inominável que ainda tivesse disposição para dar sentido ao que nunca houve. Didion já havia dado muito. A falta de sentido com que ela descreve a morte nos fez menos sozinhos.

III

Por anos, essa foi a minha versão de Joan Didion. Seus livros de luto ficaram na estante, junto de outras obras que também falavam sobre perda, apenas mais tijolos naquela parede. Foi só no ano passado que ela voltou à tona, quando novas traduções de seus clássicos — *Rastejando até Belém* e *O Álbum Branco* — foram publicadas com pompa e circunstância. Eu comprei os dois livros, mas não os li de cara. Ficaram

na pilha de leituras que estavam por vir. Até que no fim do ano, ela morreu.

Não foi um choque, já que Didion tinha a idade avançada, mas mexeu comigo. Por dias, li tudo o que pude: os obituários que saíram nos principais veículos americanos, os ensaios que escritores dedicaram a ela (como os já citados), o documentário da Netflix feito pelo seu sobrinho. Eu não buscava respostas como quando a havia conhecido, mas tentava entender quem tinha sido a mulher que tinha me dado um alento anos antes. Então li seus livros.

O que eu encontrei foi uma surpresa. Até então, eu via Didion como alguém que entendera o vazio da morte. Agora, eu via que ela também entendera o vazio da vida. O mesmo estilo estava aqui, quase 40 anos antes dela enterrar o marido e a filha. E não era exatamente a voz de autoridade — como tinha sido para Zadie Smith — o que me prendia. Era a indiferença. Ela conseguia narrar — pontualmente, graciosamente — o absurdo que era a vida. Era como se o caos fosse o seu objeto, sua matéria-prima, a forma como ela enxergava o funcionamento do mundo. E em alguns de seus ensaios, isso fica evidente.

IV

“Muita gente de Los Angeles acredita que os anos 1960 acabaram de forma abrupta em 9 de agosto de 1969, no exato instante em que a notícia dos assassinatos em Cielo Drive percorreu a comunidade de uma ponta à outra como um incêndio florestal, e, em certo sentido, isso é verdade. A tensão se rompeu naquele dia. A paranoia estava cumprida.”

Rastejando até Belém e *O Álbum Branco* talvez sejam os textos mais famosos de Didion. Ambos são extensos, dão título a livros e têm a desordem como tema. É possível lê-los como dois momentos numa narrativa. *Belém* é a causa. *Álbum Branco* é a consequência.

Escrito em 1967, o primeiro dos ensaios conta a história dos hippies em São Francisco. O título vem de um poema de W. B. Yeats chamado “A Segunda Vinda”, cujos últimos versos lêem: “que besta bruta, de hora enfim chegada / rasteja até Belém para nascer?”. Para Didion, Belém era a Califórnia ao final dos anos 1960. Por boa parte do ensaio, o trabalho de jornalismo é aprumado. Ela conversa com tipos como Deadeye, Don, Max,

Otto, Debbie, Jeff, crianças de 14 a 20 anos, perdidas entre ideias e drogas. Conhece suas casas, seus prazeres, seus afazeres e não demora a ficar evidente que tudo aquilo não era sério. Essa, ao menos, é a superfície. É só quase ao fim do texto que Didion enfim diz a que veio. Ela cita um psiquiatra que, vendo o mesmo fenômeno, concluiu o seguinte:

“Qualquer um que pense que tudo isso é sobre drogas, não está enxergando bem. É um movimento social, romântico por excelência, do tipo que ressurgem em épocas de verdadeira crise social. [...] É aí mesmo que você vê as formas como historicamente o romantismo acaba em confusão, se presta ao autoritarismo. É quando esses rumos se apresentam. Quanto tempo você acha que vai levar para isso acontecer?”

Levou dois anos. Em 1969, Sharon Tate Polansky e seus amigos foram mortos pela Família Manson em Cielo Drive. *O Álbum Branco* fala disso, assim como fala dos Panteras Negras, do The Doors, de protestos na Faculdade Estadual de São Francisco e de muitos outros assuntos que, à primeira vista, parecem estar desconectados e, sob certa ótica, estão mesmo. Não há fio condutor para essas histórias a não ser a própria Didion, que se faz presente em cada episódio, apontando cada incongruência e deixando claro seu senso de paranoia e ansiedade. Esse, por sinal, é um ponto que reaparece diversas vezes em diversos textos seus: ela discorda, ainda que não queria mudar o curso do que está acontecendo. No caso em questão, a discordância é para onde tudo aquilo vai levar. Aos fins dos anos 1960, havia quem vislumbrasse uma revolução no horizonte. Didion vê o esgarçamento do tecido social e a atomização da sociedade.

Daí para o horror é um pulo. A frase mais impactante de todo o texto é direcionada às reações aos assassinatos em Cielo Drive: *ninguém estava surpreso*. Há um pouco de culpa cristã aqui, já que Didion enuncia todo o momento como envolto em uma aura de “pecado”, como se Hollywood fosse uma nova Sodoma ou a Belém de Yeats. Já a besta é mais difícil de definir. Ela poderia ser Charles Manson, as crianças que o seguiram, a luxúria de Los Angeles ou mesmo os adultos que não cumpriram o dever de educar a geração seguinte. Ao fim e ao cabo, pouco importa. Didion chamou aqui pelo nome que tinha.

V

Os demais ensaios não são tão pujantes como esses, mas também não fazem feio. Didion trata todo tema com curiosidade, afincado e respeito. Isso não quer dizer que ela não os veja com ceticismo ou que não seja irônica ao tratar dos absurdos que a cercavam. O respeito está em ver naquilo algo válido de ser narrado. E assim ela deu voz a uma série de histórias que trazem o vazio no seu ângulo.

Uma das minhas preferidas é a sobre Michael Laskis, um jovem de esquerda fundador do “Partido Comunista dos Estados Unidos (marxista-leninista)” — sim, esse é o nome. Quando Didion perfila o sujeito, que em si só é uma paródia, ela não enxerga nele um revolucionário pronto a pegar em armas — ainda que o próprio Laskis diga isso — para implementar o comunismo na América, mas sim uma criança mimada que apela para a radicalização na incapacidade de lidar consigo mesmo. “Aprecio todos os opiáceos que as pessoas usam, seja eles de fácil acesso, como o álcool, a heroína e a promiscuidade, ou difíceis de encontrar, como a fé em Deus ou na História”, ela escreve.

No ensaio sobre Howard Hughes — a versão da época de Donald Trump —, Didion conta não só o absurdo de um milionário que faz o que quer, mas o absurdo que é ser ele o herói americano. Não o herói de *jure*, mas o herói de *facto*. Ali está algo muito profundo sobre a alma do país, o seu desejo incontrolável por dinheiro e fama. Entre as muitas excentricidades de Hughes, como ligar para um barbeiro às duas da manhã só para checar se ele estava de prontidão para atendê-lo, Didion vê algo mais do que abuso. Ela enxerga o direito inalienável à liberdade exercido em sua plenitude. Para um milionário, nada é um limite. E esse era o sentimento que alimentava os Estados Unidos.

Há casos de admiração, é claro. Didion é gentil com John Wayne, assim como é gentil com Amado Vazquez, um mexicano que cuidava de um orquidário próximo a sua casa. Não há muito em comum a esses homens, exceto seu caráter. Isso é algo que aproxima Didion dos conservadores e que pauta, de forma explícita, alguns ensaios mais analíticos como *Acordando depois dos anos 1960* ou *Sobre o amor-próprio*. Didion parece sentir falta disso: de um mundo adulto, de pessoas que aceitavam que a vida não era só flores, que sabiam que o ótimo

era inimigo do bom e que a injustiça fazia parte da vida. De, enfim, pessoas como Wayne e Vazquez.

A necessidade da mudança ou melhor, a crença de que a mudança seria necessariamente melhor, de que era possível sair do caos que era a vida, esse era seu alvo preferencial. No texto sobre James Pike, bispo episcopal da Califórnia e proeminente figura religiosa dos anos 1960, isso é evidente. Didion descreve assim sua morte:

“James Albert Pike abandonou de vez a Igreja Anglicana, detalhando seu ressentimento nas páginas da *Look*, e dirigiu até o deserto da Jordânia em um Ford Cortina branco alugado da Avis. Ele foi lá com sua ex-aluna, sua esposa havia nove meses, Diane. Mais tarde, Diane diria que queriam viver o deserto como Jesus tinha vivido. Eles se prepararam para essa missão com um mapa da Avis e duas garrafas de Coca-Cola. A jovem Sra. Pike sobreviveu.”

É um excerto que define Didion: há o relato, há a ironia, há a indiferença. E é bonito. É inegável como é bonito.

VI

“É fácil ver o começo das coisas e mais difícil ver o fim.”

A morte de Didion me fez entrar em contato com todos esses textos. Sua morte talvez também tenha adiantado a publicação de novas edições de livros seus — como *Play It as It Lays* e *Political Fictions* —, o que não deixa de ser algo bom vindo de algo ruim, se é que há algo de ruim na morte.

É difícil dizer como ela encararia a própria morte. Ainda que o tema da morte para ela tenha sido algo doloroso — como há de ser —, é possível que o seu próprio final tenha sido bem-vindo. Não por qualquer crença num misterioso, onde ela reencontraria Quintana e John, mas simplesmente por fazer parte da experiência humana. O que eu aprendi com seus textos, sejam os de vida ou os de morte, foi aceitar as coisas como elas são. Não como devem ser, não como gostaríamos que fossem, mas como são. Esse talvez tenha sido o seu maior predicado como escritora: duvidar das grandes verdades. Fossem elas dos dominantes, dos dominados ou mesmos suas.

Esse é o objetivo. Esse sempre é o objetivo. Ver o bom e o ruim, o certo e o errado, o belo e o tosco, a vida em totalidade. A escrita deve buscar isso. Alguns conseguem. Desse ofício, Joan Didion foi mestre.

ID

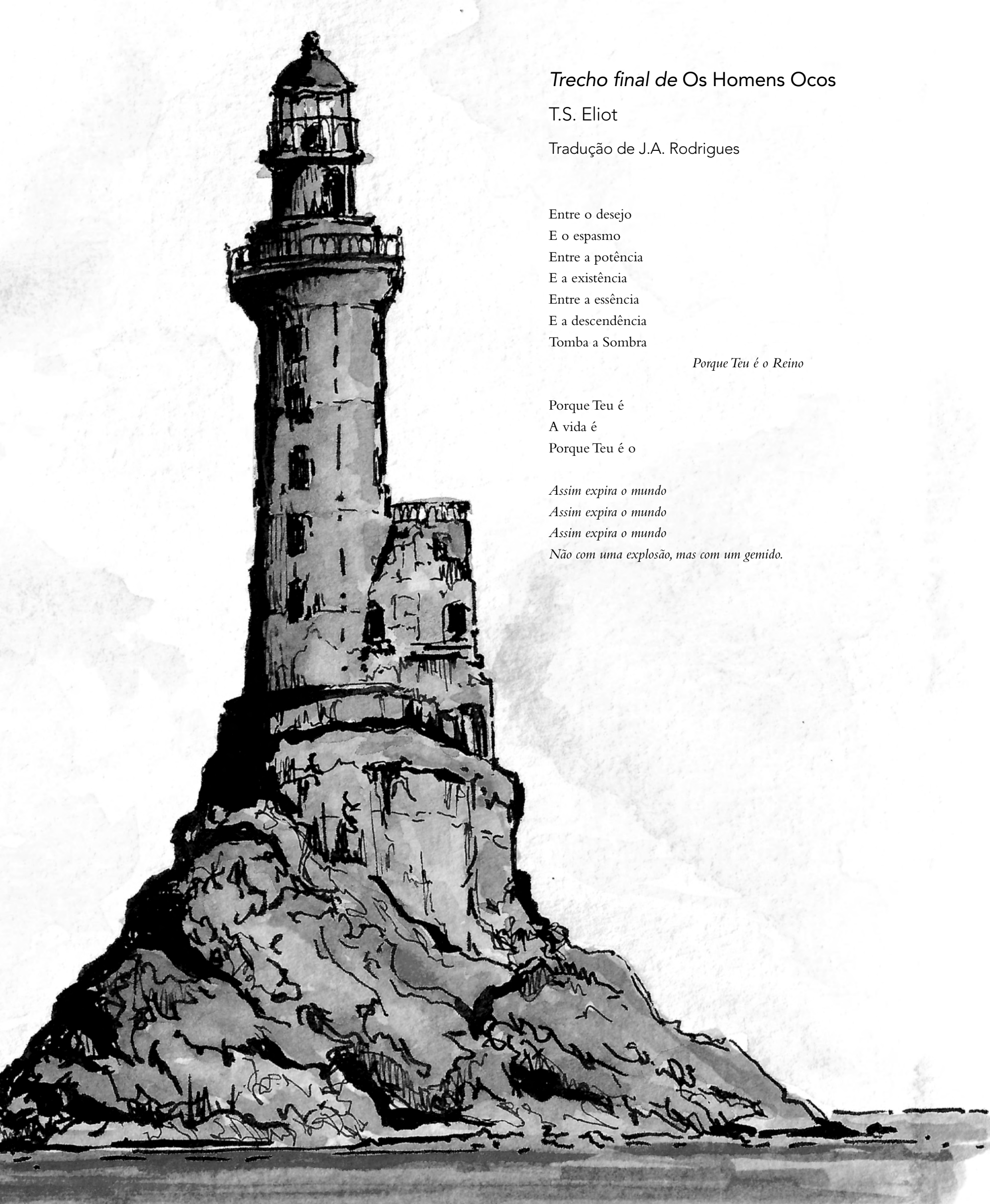
Aline Martins

cai água
vai descendo
pelo meu beiral de casa-muda
logo logo sou
uma inundação de nadas

vou tombar um pouco
para escorrer o excesso



De tanto bater com o osso, a dor vira anestesia, nova coletânea de André Giusti, reúne trinta e cinco anos de produção poética. Sob a sua dicção muito própria, reencontramos a poesia como insistência e defesa: "cada dia que amanhece / é o corte de uma navalha". A exemplo da "escrita imediata dos meteoros", a poesia de André Giusti é incisiva, dispensa solenidade e tem os pés bem apoiados no chão. Mas comove como um blues e, assim, chega, atravessa e envolve a todos sem pedir permissão. Os poemas retratam o cotidiano com lentes muito especiais. E impressiona a harmonia da linguagem poética, que os anos justapostos legitimam e aprimoram. E a partir do apartamento imaginário, a poesia vai ao mundo, buscando a completez impossível que nos lega a condição humana. Comove com a crônica (um boletim de ocorrência) do que há de mais secreto, a nudez de cada qual no espelho das palavras. Sim, "... as grandes respostas / estão nos grandes silêncios / ao longo do dia". Não importam o bater dos ossos ou a dor. Alheia aos disfarces e emboscadas, a voz de André Giusti é livre. Sua poesia também. Por Alberto Bresciane



Trecho final de Os Homens Ocos

T.S. Eliot

Tradução de J.A. Rodrigues

Entre o desejo
E o espasmo
Entre a potência
E a existência
Entre a essência
E a descendência
Tomba a Sombra

Porque Teu é o Reino

Porque Teu é
A vida é
Porque Teu é o

*Assim expira o mundo
Assim expira o mundo
Assim expira o mundo
Não com uma explosão, mas com um gemido.*